

BRASIL-PORTUGAL

1 DE FEVEREIRO DE 1903

N.º 97



Alvaro de Sá

Almeida Garrett

Passa a 4 de fevereiro corrente o 104.º anniversario do nascimento de João Baptista da Silva de Almeida Garrett, visconde de Almeida Garrett, que tão grande e insubstituível logar occupou nas letras e na politica do nosso formoso pais. Com effeito, o homem que no seculo findo foi o maior poeta e o mais notavel escriptor do seu tempo nasceu na cidade do Porto, aos 4 de fevereiro do anno de 1799, na casa da rua do Calvario que hoje tem os n.ºs 37, 39 e 41, sendo seus paes Antonio Bernardo da Silva e D. Anna Augusta d'Almeida Leitão. Nessa casa existe uma lapide, que indica a nacionaes e extranhos ter nascido alli o homem que tão grande foi no romance, na poesia, no theatro, na tribuna parlamentar, no exilio, no cêrcro do Porto e em seu entranhado amor pela patria e pela causa liberal.

A lapide é de marmore, nas dimensões e do feitio que se vêem claramente em uma das primeiras gravuras que hoje inserimos, e que tem a seguinte inscripção:

CASA ONDE NASCEU

OS 4 DE FEVEREIRO DO ANNO DE 1799

JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO D'ALMEIDA GARRETT.
MANDOU GRAVAR EM RECORDAÇÃO DO GRANDE PORTO
A CAMARA MUNICIPAL D'ESTA CIDADE EM 1864.

Agora, que tanto em Lisboa como na cidade invicta, se procura, tardia mas justamente, exaltar a veneranda memoria d'esse homem superior, cuja obra existira enquanto existira a lingua portugueza, que elle, pela palavra e pela pena revestida de encantos até então desconhecidos, não podia a nossa revista deixar de commemorar uma data, tão gloriosa para a nossa litteratura, qual foi a do nascimento do egregio auctor do *Camões*.

Elle foi poeta — o mais notavel depois do nosso épico, que lhe mereceu um poema inconfundível, marcando a época do renascimento litterario em Portugal.

Elle foi romancista — o mais portuguez de todos, bastando o *Arco de Sant'Anna* e as *Viagens na minha terra*, para lhe garantirem os foros que ninguem se atreveu a denegar-lhe.

Elle foi dramaturgo — insigne entre os do seu tempo, legando-nos, na sublime tragedia de *Amorim*, que se chama *Frei Luiz de Sousa*, a mais brilhante joia da litteratura theatral, velha e sempre nova, como obra d'um verdadeiro genio.

Elle foi jornalista — dos mais destemidos e audezes da sua época de lucta e transformação politica, polemista de rija tèmpera e propagandista de rara perseverança, na defesa da causa santa da liberdade, que serviu desde os mais verdes annos.

Elle foi orador — o maior das duas camaras, admirado, temido pelo proprio José Estevam, e sabendo vestir o improvisado de taes galas e louçanias, que, ou fosse applaudindo ou combatendo, sempre tinha os auditorios suspensos dos seus labios, e amigos e adversarios entusiasmados de o ouvir.

Elle foi legislador — dos mais conspicuos, intelligentes e honestos do regimen constitucional, sendo da sua lavra e redacção, não só as famosas leis de Mousinho da Silveira, que acompanharam a fundação de nossa liberdade politica, mas ainda muitas outras de mais alta importancia, que diversos ministros referendaram e que outras nações imitamram depois, como seja a da propriedade litteraria.

Elle foi soldado da causa liberal no cêrcro do Porto, pois que, voluntario no batalhão academico, do commando do brigadeiro Soares de Luna, não era apenas um luctador theoretico dos que impulsionam os outros e se ficam commodamente refestelados no *quartel do soude*.

Elle foi diplomata — e, do modo como soube representar o seu pais nas diversas côrtes estrangeiras onde o serviu, deixou a mais brilhante fama e a mais honrosa memoria, mesmo a despeito da falta de recursos em que, por vezes, lamentavelmente, o deixaram os governos de que era delegado.

Elle foi ministro d'Estado — assignalando a sua passagem pelas cadeiras do poder com actos de rasgada iniciativa no interesse da causa publica e das classes produtoras, que sempre defendeu sem facciosismos mesquinhos e sem rancores de despeitado ou de invejoso.

Elle foi o creador do Conservatorio dramatico e musical e o seu primeiro director, deixando bem marcado o seu alto merito no desempenho d'esse cargo, por fórma impercível e inegalável, e sendo egualmente o iniciador da fundação do theatro de D. Maria II, mereceram-lhe assim as letras e as artes attenção, esforços e desvelos.

Homem de tão altas qualidades e de tantas e tão variadas aptidões, tornou-se verdadeiramente immortal, para honra do pais, que o não esquece, porque não pôde esquecer quem o fez lembrado em todo o mundo culto, levando a fama do seu nome a toda a

parte onde chegaram as suas obras. Que o não esqueceu, prova-o o facto de procurar o Porto, a terra que foi berço d'esse genio, levantar-lhe um monumento; prova-o a fundação em Lisboa, da Sociedade Litteraria Almeida Garrett, que, por meio de subscripção publica, trata de erigir um mausoléu congnito do inconfundível merito do egregio poeta; prova-o a homenagem que lhe estão prestando as diversas municipalidades, dando o nome de Almeida Garrett a ruas, praças, largos e avenidas, nas sédes dos respectivos concelhos; prova-o finalmente, o facto de ter sido, ainda ha pouco, decretada a trasladação dos seus restos mortaes para o Pantheon dos Jeronymos (*monumento digno do cantor glorioso, na phrase



A Casa onde nasceu Garrett
Rua do Calvario, PORTO

de Gomes d'Amorim), e determinando que o dia em que essa trasladação se realize seja considerado de festa nacional.

Ha de essa trasladação solemne realizar-se a 3 de maio do corrente anno; e, para que um tal acto assuma a grandiosidade de uma mercida apothose, envida os seus esforços a sociedade que tomou sobre si o encargo de a levar a effeito, contando com o auxilio de todas as corporações e individualidades, que, de direito e razão, devem cooperar em tão justa homenagem ao portuguez illustre.

Trasladar, porém, para o grandioso templo manuelino, os preciosos despojos do homem superior, *que foi animado pelo maior espirito do seu seculo*, sem procurar erigir, alli, um tanto congnito de esses despojos, não seria licito permittir-se, nem seria honroso para ninguem.

Pensando assim, a Sociedade Litteraria Almeida Garrett, ao reclamar para si a alta honra de realizar a trasladação, assumiu tambem, gostosamente, o encargo de fazer construir o mausoléu onde devem repousar os restos do leal portuguez *que a sua patria amou e a sua gente, : e para elaboração do desenho e plano d'esse

mausoléu, abriu concurso publico entre todos os artistas nacionaes, chamando-o a prestarem, d'este modo, homenagem ao grande orador, grande poeta, grande dramaturgo e grande espirito liberal, que foi honra e gloria do nosso paiz no seculo findo.

Os trabalhos apresentados n'esse concurso foram expostos ao publico na Academia Nacional de Bellas Artes e julgados por um jury composto dos distinctos artistas José Velloso Salgado, Rozendo Carnevalheira e pelo illustre crito d'arte Bartholomeu Sezinando Ribeiro Arthur. De todos foi classificado em primeiro logar o do distincto architecto José Teixeira Lopes, em que collabora, na parte esculptural, seu irmão, o insigne esculptor Antonio Teixeira Lopes, que é tambem uma lidima gloria da arte portugueza. Está orçado em 5000\$000 réis e é o mais original de todos os projectos expostos. O proprio auctor se quiz encarregar da execucao da obra, cujos trabalhos devem começar brevemente.

E aqui vem agora fazer referencia á affirmação, que ahi appareceu algures, de que o genial escriptor não devia ser trasladado para Belem, não porque os que tal affirmativa teem avançado lhe não reconhecem incontestavel direito ás honras do Pantheon; mas porque deixou — dizem elles — expressa a sua vontade ácerca do local onde queria que fosse o seu tumulo.

Accitando que assim fosse, haveria a discutir se os homens que, como elle, ascendem ás grandezas culminantes do genio, e exercem, sobre a litteratura e arte do seu paiz, influencia decisiva e categorica, marcando epoca, e tornando immorreidoiro o seu nome, podem dispôr de si, como se unicamente a si proprios se pertencessem. E provado que não, como ha exemplos que por de

data da pretendida carta, nem elle sonhava, sequer, em que havia de vir a ser visconde! Como é, pois, que um documento, *assim eivado de tão flagrant falsidade*, pôde merecer credito ou fazer fé? A carta é manifestamente apócrifia.

Havia ainda a rogativa, no sentido que pretendiam os poucos



Jaizgo no Cemiterio dos Prazeres onde repousam os restos de Garrett



Casa onde morreu Garrett
Rua Saraiva de Carvalho, LISBOA

mais colhem, dentro e fóra de Portugal, — a pretendida *vontade expressa* de Garrett teria de ser posta de parte, para em seu logar ser acatada a vontade manifesta e soberana da nação, conhecida e reconhecida pelas representações, que de varios pontos do paiz vieram, reclamando o pagamento da enorme divida de gratidão, de que a memoria do insigne poeta e grande liberal é credora.

Mas vejamos onde se pretende que esteja a tal *vontade expressa* de Almeida Garrett. E' numa carta, que se diz escripta por elle a D. Jeronyma Delville, avó materna de seus filhos, carta que se encontra nas *Memorias biographicas*, de Gomes d'Amorim, a paginas 71 do terceiro volume, e em que, depois de uma allusão ao jaizgo que o poeta mandára edificar no Alto de S. João, se lê este periodo:

“Espero e desejo que minha filha saiba, *se eu não viver até lh'o poder dizer*, que a minha vontade inalteravel e o meu ardente desejo é que as minhas cinzas ahi sejam postas ao pé de meus filhos e da minha Adelaide.”

Tem essa carta a data de 2 de junho de 1843, e, segundo a copia fornecida a Gomes d'Amorim pelo dr. Paulo Midosi, achava-se assignada pelo Visconde de Almeida Garrett. Ora o poeta só veu a receber semelhante titulo, oito annos depois, a 25 de junho de 1851. Na

que quizeram contrariar a trasladição de Almeida Garrett para o Pantheon dos Jeronymos. Era no epitaphio, mandado escrever por elle, em hora de desalento e de espirito perturbado por fundos e cruciantes desposos, sobre o marmore do jaizgo em que, no cemiterio do Alto de S. João, fez sepultar o cadaver da *sua Adelaide, de seus dois filhos e o de seu irmão Antonio. Fóra, inquestionavelmente, um epitaphio dictado pelo coração viuvo d'aquelle grande amor, embebido no amargo pranto d'uma recente saudade e nada mais. Mas, ainda que a rogativa d'esse epitaphio colhesse para então, não podia colher agora, porque esse jaizgo já não existe. Mandou-o demolir o genro do poeta, o dr. Carlos Guimarães, e, conquanto mandasse edificar outro para substituir aquelle, mandando para o novo as inscrições do antigo, tão pouca importancia ligou á rogativa, que nunca a cumpriu.

Constata-se ainda que, tendo Almeida Garrett existido até dezembro de 1854, ou sejam mais 11 annos depois da carta citada e de esculpição do epitaphio no jaizgo do Alto de S. João, elle viveu o tempo sufficiente para poder confirmar á filha, de viva voz, o que se pretende que deixára n'essa carta, *se não visse até lh'o poder dizer*: Viveu, e nada disse sobre o caso nem á filha, nem ao dilecto e inseparavel amigo Gomes d'Amorim. Este, que nas *Memorias biographicas* é por vezes tão minucioso, que chega a dar a impressão de ingrato para com o protector e mestre, não se refere, nem de leve, a que tivesse o poeta feito qual-quer recommendação a respeito da sua sepultura. A paginas 656 do volume terceiro da obra citada, Amorim diz que passou junto de Almeida Garrett longas horas, nas ultimos quarenta dias da sua existencia, e que o poeta lhe falou de “projectos de trabalhos, se visse-se; e n'essa mesma palavra se morresse.” E ainda mes-



Garrett, estudante

mo Gomes de Amorim, que á memoria do amigo levantou o perduravel monumento que esses tres volumes representam, quem diz, a paginas 642 e 643 do ultimo volume :

"E oxalá que a geração nova, emendando e reparando todas as faltas d'aquella a quem succede, pratique o grande acto de justiça, que reclamam as cinzas de Garrett, fazendo-as trasladar para o templo de Belem, monumento digno do cantor glorioso."

Pois Amorim conhecia bem a existencia do mausoléu e do epitaphio a que se allude acima; e foi, seguramente por conhecer ainda melhor Almeida Garrett, que, desprezando ou reduzindo aos devidos termos a rogativa alli feita, a considerou um mero desabafo de occasião precaria para o espirito do grande poeta, desabafo soitado em hora de desalento, ainda quentes os labios dos bellos da mulher amada.

"A sua terra amando e a sua gente," o grande Garrett, apesar de possuir jazigo seu, teve na morte um pobre tumulo de empres-



Jazigo de Garrett, no Alto de S. João

timo, onde os seus restos mortaes ainda hoje jazem quasi esquecidos, e não estão de todo olvidados mercê de continuos esforços e da persistente propaganda de um punhado de admiradores do seu alto engenho, que de ha muito vinham reclamando contra tão vergonhoso procedimento, e chamando os poderes publicos á pratica d'esse grande acto de justiça, que representa a trasladção de tão queridos despojos, para o Pantheon dos Jeronymos, padráo alto e glorioso das passadas epôas maritimas portuguezas.

E' alli o seu logar; e d'isso estão convencidos todos quantos, ainda, n'esta desgraçada epoca de egoismo e de interesses, se encontram despidos de preconceitos, e teem presente no espirito, que são os grandes homens que fazem respeitavel e gloriosa as nações que os produziram; e que é o culto á memoria d'esses grandes homens que conserva o respeito pelos paizes que elles honraram e engrandeceram com os lampejos do seu genio, com as fulgurações do seu talento.

Foi o convencimento d'esta verdade e o amor por esse culto civic, que determinaram em Lisboa a fundação da Sociedade Litteraria Almeida Garrett. Em janeiro do anno findo, o sr. Silva Leal, jornalista e bibliophilo de rara tenacidade e foyavel perseverança, concebeu a idéa da fundação de um gremio destinado a concentrar todos os esforços até ahí produzidos e os mais que viessem,

no sentido de se conseguir o reconhecimento da nação para com a memoria de um dos seus mais egregios filhos, o poeta inolvidavel da saudade, Almeida Garrett, emfim.

O sr. Silva Leal communicou a sua idéa a Alberto Bessa, nosso collega no jornalismo e devotado admirador de Almeida Garrett, que applaudiu o pensamento e se poz incondicionalmente ao dispor do primeiro para o auxillar em tudo o que fosse preciso, a fim de que a realisacão de uma tal idéa se não fizesse demorar.

Aquelle encarregou-se de procurar outras adheções, e em breves dias conseguiu as dos srs. conde de Valença, dr. Theophilo Braga, Francisco Simões Margioli, dr. Xavier da Cunha, dr. Carvalho Monteiro, Gabriel Pereira, dr. Carneiro de Moura e varios outros cavalheiros; e o sr. Alberto Bessa encarregou-se de elaborar as bases dos estatutos e logo ficou estabelecido que se realisaria uma sessão installadora a 4 de fevereiro, dia do anniversario do nascimento de Garrett.

Efectivamente, a 4 de fevereiro do anno findo, pelas oito e meia horas da noite, na sala "Algarve, da Sociedade de Geographia de Lisboa, realison-se a sessão de installação da Sociedade, que, segundo as bases approvadas (1), se ficou intitulado *Sociedade Litteraria Almeida Garrett*, e começou a receber novas e não menos importantes adheções.

Logo a seguir, numa das reuniões da Commissão Installadora, foi esta quem propoz que se representasse ao parlamento em prol da trasladção, proposta que foi approvada, como sendo essencial para o pagamento da divida em aberto para com a memoria de Garrett.

Em tres sessões se discutiram e approvaram, com ligeiros reparos, os diversos artigos do projecto de estatutos, que receberam a sancção da autoridade superior do districto, por alvará de 9 de julho, assignado pelo sr. conde de Sabrosa.

Assim ficou instituida a Sociedade que ahí temos hoje novel — e já gloriosa, valha a verdade, por ter conseguido ver decretada pelos altos poderes do Estado, a trasladção dos restos mortaes de Almeida Garrett para o Pantheon dos Jeronymos.

A trasladção foi decretada pelo illustre chefe do governo e do partido regenerador sr. Conselheiro Hintze Ribeiro, em seguida a ser apresentada a representacão da Sociedade, na Camara dos Dignos Pares, pelo nosso illustre amigo sr. conde de Valença, que por essa occasião proferiu um notavel discurso. Aécia de Garrett, da sua influencia nas letras e na politica e dos relevantes servicos que prestou ao paiz. O sr. conde de Valença é o presidente do Conselho Director da Sociedade Litteraria Almeida Garrett. Esta circumstancia e o facto de ter assento naquella alto corpo legislativo foram de grande peso para a consecucão do fim a que aspiravam os admiradores do auctor do *Fres Luis de Sousa*.

Almeida Garrett começou a manifestar as extraordinarias aptidões que haviam, mais tarde, de consagrar-o como um genio inconfundivel, quando era estudante na Universidade de Coimbra. Ahí se matriculou em 1816, a 23 de novembro, cabendo-lhe o n.º 165 do primeiro anno juridico. Foi dos mais notaveis alumnos do seu curso, e quando no fim do anno aspirava ao premio respectivo, este não lhe foi concedido por accintosa injustiça, que se attribue á sua indole de liberal convicto e confesso. Sciante d'essa injustiça, por conhecer que tinha sido um bom estudante, protestou deixar para sempre o curso juridico. Passadas as fórias no Porto e seus arredores, regressou a Coimbra e matriculou-se no primeiro anno de mathematica, como ordinario, e como voluntario no

(1) — Concentrar todos os esforços dispersos para que a nação portugueza pague á memoria de Almeida Garrett, a divida de gratidão para com o glorioso e illustre filho, ou seja promovendo ou auxiliando todos os actos que conduzam a este desiderium.

— Realizar toda a possível propaganda do que foi e de quanto valen, pelo seu caracter e talentos excepcionaes, o visconde de Almeida Garrett, procurando relembrar a commemorar as principaes datas da sua vida e levando a effeito quantas manifestações de homenagem sejam compatíveis com as forças do cofre social.

— Levantar a effeito uma edição popular das obras de Garrett, de modo a torná-las bem conhecidas de todos os portuguezes.

— Instaurar uma bibliotheca, expozição garretitana, e um gabinete de leitura, para jornadas e outras publicações nacionaes e estrangeiras.

— Promover a realisacão de conferencias e preleções, litterarias e artisticas, de educação popular; e fomentar a instrucção quanto em suas forças cabia.

— Auxiliar, moral e materialmente, sempre que lh'o permitam os recursos do cofre social, a publicacão de quassquer trabalhos litterarios ou artisticos dos associados, quando julgados de inteira utilidade ou indiscutivel valor.

— Promover ou auxillar a realisacão de congressos ou reunioes, em que se discutam os empreendimentos de reconhecido interesse e em harmonia com os fins da sociedade.

— Abrir concursos, a premio, para as melhores produções litterarias, dramaticas ou artisticas, que se apresentem em cada anno, ou de tantos em tantos annos quantos venham a ser estabelecidos.

— Promover expozições artisticas ou litterarias, que possam contribuir para o desenvolvimento do gosto pelas letras e pelas artes nacionaes.

— Effectuar saraus litterarios, e reunioes familiares, onde se estreitem os laços de fraternidade e devem unir todos os membros da Sociedade, sob a égide do nome de Garrett.

— Publicar um boletim mensal, illustrado, que terá por titulo o nome de *Almeida Garrett*, e no qual se dará conta não só de tudo quanto digão respeito á Sociedade, mas de tudo que se refira ao adiantamento das artes e das letras em todo o mundo culto, boletim que será gratuito para os socios.

primeiro anno de philosophia. A breve trecho deixou esses estudos, cre-se que por terminante mandado de seu pae, e voltou a matricular-se na faculdade de Direito. Teve então o n.º 14.

Em Coimbra, fundou uma e pertenceu a várias agremiações que tinham por fim combater a tyrannia ingleza e defender a causa da patria livre. Allí, como tribuno já eloquente, falava a linguagem propria dos verdadeiros liberais aos seus concidpulos entusiastas.



Conde de Valença

Presidente do conselho director da Sociedade Litteraria Almeida Garrett

tas pela liberdade, e como tribuno alcançava os seus primeiros triumphos oratorios.

Feito o acto, recolheu de novo ao Porto a passar as férias, e, no regresso a Coimbra, matriculou-se, com o n.º 15, no terceiro anno juridico. Ao matricular-se no 4.º anno, teve o n.º 73, de 1819 a 1820, usando pela primeira vez os appellidos de Almeida Garrett.

No curso do 5.º anno, teve o n.º 112, e nesse anno (1820) redigiu várias proclamações em nome da academia, que são verdadeiros modelos de eloquencia escripta. Quando as redigiu, era já bacharel, tendo recebido o grão a 30 de junho d'esse anno.

Se estivessemos escrevendo a biographia do grande poeta, teriamos de ser mais minuciosos e explicitos. Mas não estamos. De resto essa biographia acha-se escripta por Gomes de Amorim, reproduzida, em resumo, em centenas de publicações, e todos os que sabem ler portuguez tem a estricte obrigação de a conhecer.

Alludindo aos tempos de Garrett em Coimbra, escreveu Camillo, que *o Retrato de Venus* nasceu por esses tempos, já scintillante de originaes bellezas, já aprofundado para porto livre de pensamento e phrase, já mais mirando os alcores do velho edificio arcadico, que mais tarde devia esborçar se sob os cimentos do *Camões*. Ahi nasceram tambem as primeiras tragedias, e d'essas vingou para a posteridade o typo da liberdade, o ardid *Caúto*, que parece esculpido em bronze.

Vê-se assim que Coimbra está intimamente ligada á obra genial do poeta, do escriptor, do dramaturgo e do luctador.

Depois de formado, e vindo para Lisboa, aqui tem principio a sua epopéa de lucta e de soffrimento pela causa liberal.

Aqui se apresentou como jornalista, pela primeira vez, publicando *O Toucador*, já nas vespéras da primeira emigração. Quando regressou á patria, fundou *O Portuguez* e *O Chronista*, — o primeiro diario que entre nós appareceu, num ponto de vista de doutrinação, a primeira revista que em Portugal vestiu feição moderna.

Novamente emigrado, fundou no exilio *O Chazouso Liberal* e *O Percussor*, destinado a acalentar esperanças quasi de todo arrefecidas nos animos dos liberais.

Regressando a Portugal com o exercito libertador, como simples soldado voluntario, com praça assente no batalhão do brigadeiro Soares de Luna, funda *O Portuguez Constitucional* e a breve espaço introduz o *humour* folhetinistico no *Entractico*, inaugura a analyse dramatica nas *Memoarias do Conservatorio* e estabelece a critica esthetica no *Journal de Bellas Artes*.

Assim, esse homem, que teve por destino realizar obras como o *Arco de Sant'Anna*, as *Viagens na minha terra*, o *Frei Luiz de Sousa* e as *Folhas caídas*, para em tudo ser especial, creou todas as cambiantes do periodico moderno, e foi, com sobrados titulos, o primeiro jornalista do seu tempo.

Chamado aos conselhos da corôa — d'essa corôa que elle tinha ajudado, bem proficuamente, a segurar na cabeça da rainha, — foi ministro dos negocios estrangeiros e assignalou, como já atrás dissemos, a gerencia da sua pasta por actos de rasgada iniciativa, sendo um d'elles o da creação do correio diario para Hespanha, que ninguem tentára até então, e affirmou a sua inconcussa probidade.

Quando sahio do ministerio, os intrigantes da politica e os invejosos do seu talento, fartaram-se de inventar calumnias, tendentes a desprezital-o aos olhos dos contemporaneos.

Pouco se preocupou com isso o seu espirito superior. A consciencia do dever cumprido inculca-lhe coragem para arrostar com

a maledicencia. E affrontou-a, silencioso, até o momento em que o feriu na sua honestidade pessoal.

Soubes um dia que alguém, na presença de Rodrigo da Fonseca Magalhães, ousou dizer que um individuo qualquer enviára ao ministro dos estrangeiros tres contos de réis para serem distribuidos por várias casas de caridade, em troca de um habito, que pretendia e que requerêr; accrescentando que Garrett concedêr a fita ao homem, mas guardára para si os tres contos de réis.

Era uma calumnia, como outras que se inventaram, mas Garrett demascarou-a, indignado não tanto contra o imbecil que a proplára, como contra o que suppunha seu amigo e que a permitira sem a desmentir.

Forte na sua innocencia e no seu direito, foi á secretaria do ministerio, cuja pasta estivera a seu cargo, e tanto indagou, tanto procurou, que veiu encontrar o documento comprovativo de que os famosos tres contos de réis se achavam depositados no Banco de Portugal á ordem do Thesouro. Fez extrahir uma certidão authentica d'esse documento, e correu com ella para casa de Rodrigo da Fonseca Magalhães. Depois, ahi, exprobrou-lhe o procedimento incorreto e indigno que tivera para com elle, e, atirando-lhe com a certidão á cara, sahio, dizendo-lhe que o devia ficar conhecendo bem, mas que o obsequiava se d'ali para o futuro nunca mais o conhecesse, que elle faria outro tanto!, E fez.

No testamento de Garrett encontra-se ainda uma disposição, que lhe completa a physiognomia moral e que é digna de que a relembramos aos homens de hoje. Diz assim:

«No me lembra (escreveu Garrett no seu testamento feito em 9 de junho de 1853) dever nada a ninguém, mas recomendo a minha filha que satisfaça pontualmente quaesquer pequenas dividas que se mostrar não estarem por mim salgadas. *Tambem lhe encargo de intervir na secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros a quantia de tres moedas, ou 14800 réis, que, segundo meus assentos particulares, vejo terem ficado em meu poder de quando fui ministro d'aquella repartição em 1852, e a qual somma tenho um certo pejo de restituir agora, não o tendo feito quando deixei o cargo, por ignorar que devia.*»

Vae sahindo demasiado longa esta noticia, artigo ou como queiram chamar-lhe. Parece-nos, porém, que não devemos terminar sem nos referirmos ao que tem feito a Sociedade Litteraria Almeida Garrett para angariar meios de levar a effeito a tumulisação do grande poeta no Pantheon, que lhe pertence por direito de conquista. Logo que foi publicado o decreto da traslaadacao, a Sociedade deliberou interessar e fazer partilhar todos os portuguezes verdadeiramente dignos d'este nome, na realisacao de um acto que se lhe afigura digno de um paiz que se pressa e que não esquece as suas glorias mais incontestaveis e mais inequivocas.

Nestes termos, o Conselho Director da Sociedade, deliberou dirigir-se, por circular, a todos os cidadãos portuguezes, quer residentes no paiz, quer fóra d'elle, solicitando do seu patriotismo e da sua generosidade, que se dignem subscrever com qualquer quantia, por mais pequena que ella seja, para a subscrição aberta em fa-



Alberto Bessa

Secretario

vor da construcção do mausolé, que ha de ser erigido no templo de Santa Maria de Belem, para nelle serem recolhidos, a seu tempo, os restos mortaes de tão egregio patriota.

Uma outra circular foi enviada a todas as camaras municipaes do paiz, para o mesmo fim. Não teve a Sociedade em vista, que todas as camaras contribuissem pelos recursos do seu orçamento, por isso que bem sabe, que os de algumas mal chegam para as necessidades ordinarias dos respectivos municipios. O que se apresentou foi interessal-as a todas — como era justo — na homenagem ao grande escriptor, que tão portuguez soube ser. Para isto «*não é preciso que a quantia a subscrever tenha origem no orçamento officia; basta*

que do bolso particular de todos e de cada um dos creadores saia qual-quer quantia, por mais exigua que seja, para o fim que se pretende: — prestar um inadivél tributo de reconhecimento e de gratidão á memoria de Almeida Garrett.

São muitas as respostas que tem vindo de diversas camaras municipaes e de muitos portuguezes residentes no pais e no estrangeiro. A propaganda continúa porém, porque os recursos recolhidos não chegam ainda e a Sociedade conta no patriotismo dos seus compatriotas. E cremos que confia bem. Com effeito, onde quer que haja um portuguez, de cerebro e de coração, ha de seguramente envergonhar-se ao saber que o grande escriptor do seu pais, que se chamou Almeida Garrett, está sepultado n'um jazigo de emprestimo, d'onde pode ser desalojado de um momento para o outro: elle, que foi quem primeiro teve a idéa do Pantheon para os nossos grandes homens; elle, que tantos e tão relevantes serviços prestou á patria e á liberdade, ás letras e á arte nacional; elle, que foi o cantor da saudade e o que melhor soube comprehender e descrever esse "acervo espinho, sempre cravado no peito dos que vivem distantes do torrão natal!

Para que essa vergonha não tenha mais razão de ser, é que foi feito esse apélllo a todos os nossos compatriotas, quer individualmente, quer aos que se encontram agremiados nas diversas sociedades que, em paizes estrangeiros, cultivam o amor da patria de todos nós.

Que todos e cada um enviem o seu óbulo para esta grande obra de justiça, que assim ficará sendo de todos, e os seus nomes serão pela posteridade apontados como de verdadeiros e leaes portuguezes, que sabem venerar e respeitar as glorias da sua terra.

Opportunamente todos os subscriptores receberão o projecto do mausoléu, que foi approvado no concurso entre os artistas nacionaes, e um documento comprovativo da quantia com que subscrevam ou das que se dignarem angariar entre os seus amigos ou pessoas das suas relações.

Para que a realisação do grande acto de justiça se não prolongue demasiadamente, pede a Sociedade a todos a especial fineza de não demorarem a remessa das quantias com que resolvam subscrever.

Almeida Garrett, veiu a fallecer em Lisboa, aos 9 de dezembro de 1854, na casa da então rua de Santa Izabel (hoje rua Saraiva de Carvalho), que uma das nossas gravuras representa. Alli exalou o derradeiro alento esse homem, que no dizer de D. João d'Azevedo, foi "talento monstro, reputação europá, primeiro orador portuguez, primeiro poeta peninsular, e litterato quasi encyclopedico"; que, no dizer de Hercuiano, possuia um "estyllo de que na historia litteraria do nosso pais não tem nem terá nunca ómulo o grande poeta"; e que, na phrase de Camillo, "sabia dizer tudo em lingua purissima, dos que melhor a escreveram nesta terra".

Sobre a porta principal d'essa casa, que recolheu o ultimo suspiro de Garrett, ha tambem uma lapide de marmore assignalando o triste acontecimento e notabilissimo o predo que albergou o grande poeta, que se autobiographou nestes versos do seu poema *Camões*:

Tu guardarás no seio os meus queixumes,
Tu contarás ás porvindouras eras
Os segredos d'amor, que me escutastes,
E tu dirás a ingratos Portuguezes
Se portuguez eu fui, se amei a Patria,
Se, além d'ella, e d'amor, por outro objecto
Meu coração bateu, luctou meu braço,
Ou modulou meu verso eternos carmes.

No proximo numero daremos os retratos dos restantes membros do conselho director da Sociedade Litteraria Almeida Garrett, e os dos cavalheiros que tomaram parte no sarau do dia 4 na Sociedade de Geographia.



Teixeira Lopes

Este grande esculptor realison a aspiração de todos os verdadeiros artistas: viver n'um canto perdido do mundo, só a sós com o sonho. Teixeira Lopes escolheu Gaya; é uma villa nos suburbios do Porto, separada da cidade pelo rio, que corre enlameado e torro no fundo de montanhas cortadas a pique; a pedra parece dilacerada e ferrea e em certas tardes de nevoa o Porto afunda-se até á

livedez do poente e o Douro ao largo, cór de lava, desaparece entre os montes solitarios.

Cortae por uma ruella d'aldeia, com velhos alamos, abri uma cancella — e entræe em casa de Teixeira Lopes. Quasi sempre é um homem magro, de barbas, cabeça acetica de artista d'ontras eras, quem vos fala:

— E' o meu filho que procura?

E os olhos profundos e serios banham-se-lhe d'immensa ternura. E'



Teixeira Lopes

o pae de Teixeira Lopes, um velho e distinctissimo esculptor. Fala-lhe do filho — tendel-o para sempre conquistado.

Eu não sou critico. Detesto-os até, aos pedantes que não podendo crear, passam a explicar a criação dos outros; macacos sem fé para



Moreira Rato

obrem milagres — explicam por $a + b + c$ como os outros os praticam! . . . As obras d'arte enchem-me de suffoção e d'espanto: revolvem o que ha de mais profundo no meu ser, as mais intimas e perdidas raizes. Não as explico — sinto-as — mas o que eu penso é que para se produzir uma grande obra d'arte — para se imitat Deus — é necessario soffrer-se

um inferno de dôres. Tudo se paga n'este estranho universo e as coisas bellas e supremas alimentaram-se sempre de gritos. Um artista é um desgraçado — e atrás de cada obra formidável, marmorea, harmonica, ha um mundo de desesperos, suores de todas as angustias, annos de labor que ninguem presente, gritos que não chegam aos ouvidos da turba encantada e surprehendida. Essa forma que ali vês esplendida de belleza, posso eu affiançar-te que é o symbolo do proprio desespero — a gigantea e informe dôr. Assim a vida de todos os artistas é um continuo drama.

Ha decerto profissões monstruosas, mas nenhuma conheço mais dolorosa que a do artista, que vende, não livros ou telas ou estatuas, mais pedaços do seu proprio coração e da sua alma, horas de sonho e de dôr, sombrios desesperos.

E que para se conseguir domar o publico é preciso soffrer-se. Os applausos são fillos da dôr e das lagrimas. Os dôres, para arrancarem gargalhadas, soffreram, e, n'esta vida atroz, o triumpho está sempre no fim d'um caminho, por onde ficaram restos de nervos e de cerebro. Reparem bem: essas reasteas doiradas que imaginam manchas de sol, não passam de illusões cahidas, perdidas. Por isso ainda brilham entre o pó.

A satisfação da vaidade, o orgulho de ser applaudido e celebre, custam mais soffimento do que merecem. E no entanto nada ha a que o homem mais sacrifique. . . A esta mesma hora quantos não queimam o cerebro, n'um desespero tantalico, á procura de meia duzia de paginas que saibam a vida! . . .

Porque, para se crear, é preciso soffrer-se. Hoje e sempre só a dôr é que dá vida ás coisas inanimadas. Com um escopro e um tronco secco de madeira faz-se uma obra admiravel, se o escultor soffreu. Mais: com palavras, com sons perdidos, com immaterialidades, consegue-se esta coisa prodigiosa: — fazer rir, fazer sonhar, arrancar lagrimas a outras creaturas. Com as simples e secas letras do abecedario, um desgraçado, desconhecido e com fome, fechado n'uma agua-furtada, edifica, para a eternidade, uma construção mais solida e mais bella do que se fosse prostrar os materiaes ao coração das montanhas. Esse é o milagre do genio, se a dôr o illumina.

Para se fazer bater os corações ou empoeirar de sonho os cerebros, é sempre necessario soffrer-se.

Os que amam este curioso mister das letras sabem bem até que ponto certos escriptores levam a tortura, para conseguirem meia duzia de paginas com laivos de sangue. Ha-os que raivam, ha-os que enlouquecem. E ninguem disse ainda as noites de pavor e de febre, os desesperos deante do papel gelado e lacteo, as horas afflictivas, para se domar não sei o quê de bello, que por vezes parece quasi agarrado,

quasi a tomar corpo, e sempre fugidio, sempre impalpavel como os sonhos. . . Uns bebem alcool, como Hoffman e Poë, para materialisarem uma vez ainda simples phantasmas, outros acabam como Mampassant, em gritos de doído, ao encontrarem-se de subito sem uma idea, estancados e inuteis.

E são todos: palhaços de circo, actores, escultores como pintores, musicos e homens de letras. Tudo, leitor, que te commove e abala em arte, custou gritos, afflicções, desesperos manditos. O que, á primeira vista, te apparece como um simples livro sob uma capa amarella, ou como um pedaço de marmore gelado, representa horas de amargura e de sonho. E' sinistra a tragica essa cathedral que se ergue na noite; é infinita, espantosa, com mil formas e murmurios. Sob o luar estremece e vive: parece-te de pedra e é feita de dôr.

O escultor encontrado morto ha annos, com um pedaço de barro ainda esmagado nas mãos, não é um symbolo, dize-me? . . .

Mas perco-me . . . E' que falando de Teixeira Lopes me eston a lembrar do grande escultor, seu mestre — estranha figura de estatuario, Soares dos Reis, o melhor exemplo que poderia encontrar de grande artista creado aos peitos da desgraça. Nunca a lucta que cada um d'esses homens tem de travar com a materia, nunca a tragedia, com este tablado: a alma e estas personagens: a Realidade e o Sonho, que em cada um d'esses seres dia a dia se encarnica — foi mais visivel e mais dolorosa.

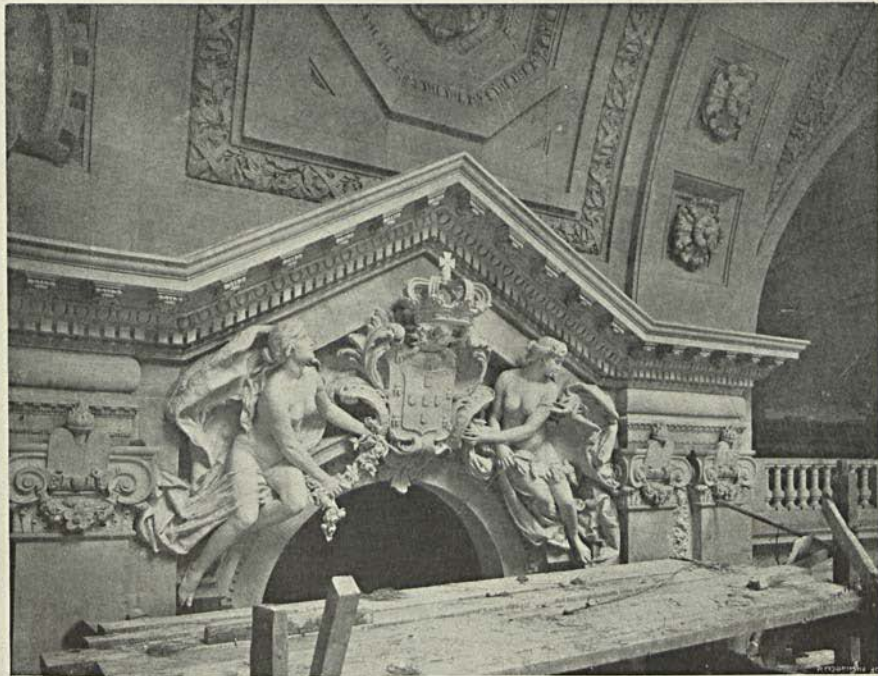
Adam estas dois nomes ligados na minha admiração. Depois d'um vem naturalmente o outro, porque o successor de Soares dos Reis é indubitavelmente o grande escultor Teixeira Lopes.

Teixeira Lopes é um poeta, embora as suas estrophes sejam de marmore.

A fonte de tudo quanto ha de grande na terra é a poesia. A arte só vive de emoção. As ideias envelhecem, o sentimento é que é eterno. A's vezes acontece que uma obra d'arte é imperfeita e no entanto bella: tem fé; outra apesar da perfeição não nos toca, secca como as pedras em que a cortaram: falta-lhe emoção. Os santos são poetas, e os heroes que talham á espada os seus poemas, e os verdadeiros sabios, os que criam. Ora Teixeira Lopes é um grande poeta lyrico: demonstram-no as encantadoras cabeças de vellinhas, as creanças, os assumptos simples á que elle se prende — toda a sua obra branca e viva como um grande sonho de belleza. E ninguem diria ao deparar-se-lhe esse homem timido, falando sempre baixinho, que está alli um dos dois ou tres grandes estatuarios que tem nascido em Portugal.

— En não sei falar . . . eu não sei falar . . .

Entrem os senhores um dia pela casa de Teixeira Lopes, em Gaya



Grupo de Teixeira Lopes, encimando a tribuna do corpo diplomatico, na nova Sala da Camara dos Deputados

Atravessam uma ruella d'aldeia, com antiquísimos alamos, abram uma cancella — e logo lhes apparece quasi sempre, um velho de grandes barbas e olhos cheios de ternura.

— E' o meu filho que procuram?

Demorem-se no *atelier* do grande artista, e, conversando, veem as officinas, as arvores, a casa, os blocos de pedra ainda brutos — e as figuras que o sonho arrancou á estúpida materia, a vida coahada no marmore. Tem assim passado um dos melhores, dos mais felizes dias da vida. Desce-se depois pela quinta abaixo, olhando um trecho de rio estufado e longinquo, as velhas arvores altivas na sua eterna mudoz — o silencio, o sol, a paz; glycínias trasbordando de cachos — tantos, tão cor de mosto, em tão inesperados borbotões, que nunca mais esquecem; e sahem por fim, depois de terem apertado as mãos a Teixeira Lopes e a seu pae, radiantes, com um braçado de flores. Esqueceram tudo: os mil nadaes aborrecidos da existencia, as contrariedades, e até o que aquella marmorea belleza custaria de gritos...

RAUL BRANDÃO



Moreira Rato

Falta-lhes só o raio de luz divina, que Deus pôz nos olhos da mulher, no qual dizem existir em *quid*, que até hoje ninguém soube o que seja, apesar de a ampulheta do tempo ter registrado já um longo curso, e a que todos chamam electricidade.

Quem attentar n'ellas julga que vão descerrar os labios para nos falarem de passadas grandezas, de tudo o que essa ampla e magnifica sala está suggerindo pelo aspecto magestoso que a todos se impõe, na qual o architecto e engenheiro, como que á portia, se emmeram em procurar por todos os segredos da arte e da sciencia o que podia contribuir para elegancia, solidez e unidade de tão harmonico conjunto.

E, como se não bastasse o esmero da fabrica, o facto de ser esta casa destinada á representação nacional tornou sobremodo difficil o problema de a decorar, e da maneira por que se houveram todos os que n'ella trabalharam, dil-o o consenso unanime do publico e mais claramente ainda a recente proposta para se lhe dar o alto destino de panteão. Muito de vêr será, a ir a effeito o projectado, o casarem-se alli intimamente o culto da arte e o da patria.

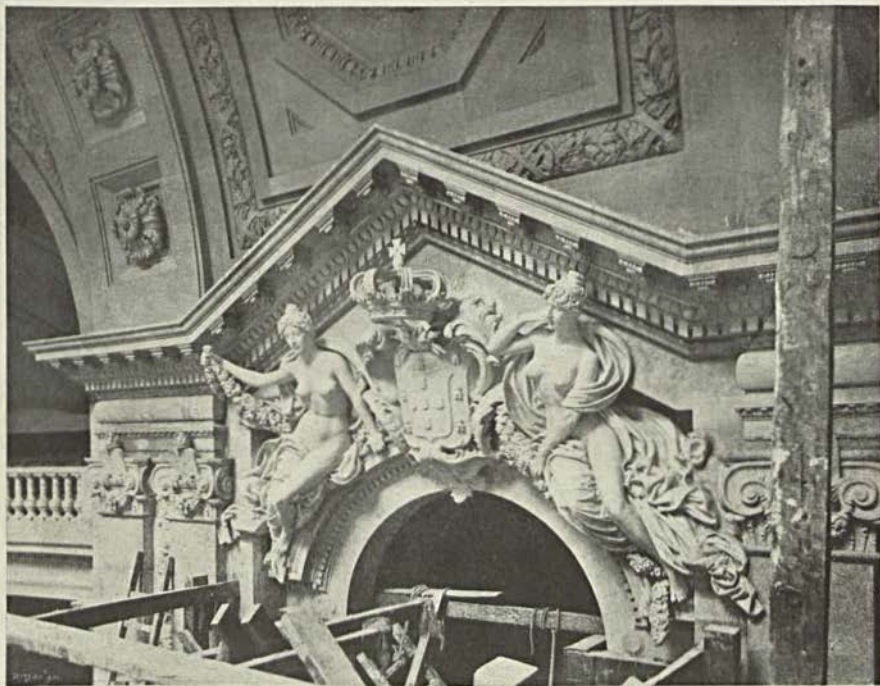
Compõe-se o grupo de Moreira Rato de duas estatuas de mulher, sustentando por sobre a porta o braço, timbre dos que no parlamento tem de elaborar a lei. Este grupo, alli simples motivo decorativo, é de tal pujança e riqueza, que só a palacios realengos, ou a outros grandiosos edificios, é dado o possuir, e, dizendo que elle é digno se ostentar n'aquella casa, de taes exigencias, de taes requintes de ornamentação que difficilmente n'outro local se podem encontrar, é fazer-lhe o merecido elogio.

Em attitudes correctas, verdadeiramente academicas, essas duas mulheres; no fino retoque do rosto, que vae traduzir a expressão do pensamento; no vigor dos contornos, que na estatuaría são um enlevo e um desespero; no traçado das innumerables curvas, em que vae toda a alma do artista, em que estão, uma a uma, todas as estrophes de sonhado poema de amor; na gentileza das formas airozas, em que se nos revelam thesouros de belleza plastica; nas roupagens, graciosamente ondulantes, com as quaes se nos adigita que algum genio vae brincar — em todos os primeiros do grupo mal podemos vêr o frio marmore, a que por tal arte foi insuflada a vida.

Quando os amigos do fallecido dr. Sobral, de infantaria 12, quizeram erguer no cemiterio da Guarda um mausoleo áquelle benemerito medico, elegeram uma commissão para em Lisboa agarrar donativos e tratar do monumento na qual entraram: Sousa Martins, Ednardo Coelho, Almeida Pinheiro, Emigdio da Silva, Anastasio Monteiro e eu. Na primeira reunião ficou logo assente o incumbirmos Moreira Rato do plano e execução.

Os que poderam admirar as excellencias de caracter do dr. Sobral, sobretudo os que privaram com aquelle querido amigo, toda a gente, que viu, ou soube, o que foram dias e dias para elle, correndo da Guarda a Manteigas ao terminarem os seus deversos officios, á desfilada durante leguas, tendo mudas de cavallos de espaço a espaço, e voltando de noite á Guarda, só para salvar uma população inteira do flagello do typho, que lhe victimou um dos enfermeiros — amigos e admiradores, todos bendizem o escopo do artista, que deu vida á pedra e tão magistralmente a soube fazer falar no cimo da montanha.

L. F. MARRÉCAS FERREIRA.



Grupo de Moreira Rato encimando a tribuna da Familia Real na nova Sala da Camara dos Deputados

Lambary e Cambuquira



O Casino em Lambary — Estado de Minas — Brasil

ENTRE as estações de águas do Brasil citam-se com justiça as de Lambary e Cambuquira pela sua posição, pela amenidade do clima, pela sua fertilidade e vegetação luxuriante. Duas regiões encantadoras, extraordinariamente concorridas de março a junho, e de setembro a novembro.

A pequena distância da cidade de Campanha, ao sul do estado de Minas Geraes, e apenas a 10 horas do Rio de Janeiro, Lambary e Cambuquira, rivaes na bondade das suas águas, transformam-se, n'aquellas duas epochas, em centros ruidosos e alegres. Os seus hoteis enchem-se de doentes e de *touristes*, attrahidos pela frescura sadia das águas, pelas sombras dos seus bosques, pelas excursões ás montanhas selvaticas, pelos bellos pontos de vista dos cabeços altos.

As águas de Lambary, chamadas *Milagrosas*, são conhecidas de ha longos annos. As primeiras experiencias datam, parece, de 1758. Mas a deficiencia de transportes e a distancia a que se encontravam

essas fontes dos centros populosos, concorreram para que durante mais de um seculo apenas fossem conhecidas pelos *mineiros* e por alguns, raros, excursionistas.

Hoje as duas regiões estão sendo exploradas por uma companhia particular que tem introduzido consideraveis melhoramentos n'esses trechos de serra, e tudo leva a crer que brevemente esses dois estabelecimentos rivalisem com os mais bem installados da Europa.

A titulo de curiosidade inserimos uma gravura da casa modestissima em que o marechal Floriano Peixoto se installou poucos dias depois de deixar a presidencia da Republica do Brasil. Doente e cansado da lueta que os acontecimentos prepararam, este homem, a quem a historia um dia fará a devida justiça, isolou-se nas montanhas, mantendo assim a simplicidade que trouxera do berço e o acompanhou até ao fim da sua curta vida.



Estabelecimento de banhos em Cambuquira — Estado de Minas — Brasil

Ordem publica

(HISTORIA)

26 de janeiro d'este anno da graça de 1903. E' segunda feira.

Ou por gelada manhã, ou porque descansam os que hontem folgaram o domingo, é escasso o transitio nas ruas. A's 8 horas Madrid está muito triste, com os seus 3º centígrados, os seus renques de arvores esqueleticas, um ceu opaco que parece feito de clara de ovo batida com mistura de cinzas.

Empregados matinaes passam, embrulhados nas classicas capas de vistas de côr. Tiritam, demandando o *transia* electrico, onde o frio é menos perfurante.

Longos bandos de cabras atravessam a *Castelhana*, de pelo hirsuto, sem alegria. O pegreiro que as conduz conchega aos hombros a manta de listas vermelhas como a pelle do seu rosto fustigada pela aragem cortante do Guadarrama, todo vestido de neve.

Um homem anguloso, de *botas* muito calcada nas orelhas, sem capa, casaco curto, exiguo e esfado, deixando á vista os ossos dos pulsos arroxados, transita, com olhar desvaivado, pela *calle* de Equilaz.

Ha n'essa figura o aspecto repellente das cousas sinistras. Ladrão? Assassino? Simples desgraçado? Quiçá de tudo isso um pouco.

Tem no olhar obliquo o rancor do animal bravo, temperado por um vago tom humano de supplica. Terá cadastro policial? Talvez remorsos de sangue na consciencia. Sabe Deus!

Vem-lhe ao encontro um senhor fino, com o patriarcal aspecto de chefe de familia isento da preocupação financeira. Phisionomia serena e bem tratada, com vislumbres de chocolate matinal. O traje é de luto, predominando um farto sobretudo com gola de pelles. Dá certo calor, que entra pelos olhos, mirar o conjunto de tanto agasalho.

O outro estende-lhe a mão entre humilde e aggressivo, entre esperançoso e despeitado. Cicfa cousas em que rebôa chorosamente a palavra fome.

O rico senhor não responde, não repara, não o vê. Leva muita pressa e vae attento a abotoar a luva direita. Talvez missa de defuntos, onde elle tenha que distribuir *los cuartos* á vista dos amigos que lhe gabam a munificencia.



Fonte Regina Werneck

A principal fonte de exportação em Cambuquira



Cambuquira — Estado de Minas — Brasil

Casa para onde foi residir Floriano Peixoto logo que deixou o Governo

— "São todos assim! — commentou uma velha trapeira que por momentos fizera parar o seu burro.

O homem desabafou. Contou-lhe a historia. — Elle era pedreiro. Passava de um mez que estava sem trabalho. Buscava e todas as portas se lhe fechavam. Raio de vida!

E logo entao janeiro, interminavel, regelado, *crudo!* Chamava-se Vicente Jimenez Alcalá. Morava no bairro de Tetuan, *calle de Madrid, 14*. Tinha lá mulher e tres filhotos a estalarem de fome... Mais dia menos dia, aquillo... A mulher, doente, já não prestava para nada... Pouco mais longe poderia deitar... Fosse lá ver... Fosse ver, se queria capacitar-se. Por isso um homem ás vezes... Já se lhe ia acabando a paciencia — Fungou rancorosamente, abaixando-se a apanhar uma ponta de cigarro — Levava já tres dias implorando a caridade publica. Pois nem uma *perra!* Passavam. Passava por diante d'elle Madrid descuidosa e *burtona*. Não olhavam. Não attendiam. Só por acaso, alguma mulher, de olhar entre compassivo e medroso, murmurava, aligeirando o passo: "Perdoe... Perdoar!"

Boas ganas tinha de perdoar a essa corja! As tendas a trashedarem de comida, e os seus *chiquillos!*...

— "Seja tudo pelo divino amor de Deus! — Com esta phrase repessada de unção, a mulher fustigou o burro e seguiu caminho, em busca da sua mercadoria, a ignobil *basura*.

Elle teve uma crispação de nervos que lhe fechou as duas mãos. E allucadamente, emprenhou uns passos mais rapidos, como se levasse uma idea, um destino.

N'um portal da *calle de Equilas* tem subitamente uma visáo Um padeiro subira a escada, deixando o cesto no pateo.

Estremece; escancara os olhos; mira em roda; estende o braço; colhe um pão.

Sem serenidade para disfarçar o roubo, deita a correr, com o pão á vista, na mão, ingenuo como uma creança ou como um louco, não pensando mais que no momento de chegar ao *14 da calle de Madrid*.

Por um momento ao menos tapará as quatro bocas famintas. Na excitação d'aquelle anhele esquece-lhe até morder o pão, engolir um pedaço. Esqueceu-lhe a fome logo que teve de comer. Para a companhiahe doente reserva talvez o melhor quinhão. A ver se levanta forças.

De repente sente-se colhido. A mão de um *guardia de seguridad* caiu pesada sobre elle.

Olha espavorido aquelle ente odioso que quer arrancar o alimento da boca dos seus filhos. Abomina n'elle a sociedade inteira. No gesto oppressor d'esse homem divisa o symbolo da crueldade humana.

Exigem-lhe o seu pão.

Entrega o chorando. Em soluços confessa tel-o roubado. Desculpa-se: era a vida da mulher enferma, a alegria dos *chiquillos* roxos de frio, exhaustos de chorar.

O padeiro occorreu indignado, sequioso de desforço, de vingança. Mas um raio de compaixão penetra; derrete-lhe a colera — Não quer saber d'esse pão; acabou-se! Dá o pão. E' preciso que esse homem leve o pão a casa.

Mas o agente da auctoridade oppõe-se rigidamente em nome da *ordem pública*. O homem que elle tem entre as mãos é um criminoso; pertence-lhe. E' da sua competencia e responsabilidade desagravar a sociedade offendida.

Em torno do grupo vão-se aglomerando transeuntes. Aglutinam-se. O maior numero são menos curiosos inactivos. Dois sujeitos offercem pagar o pão; querem que o miserando chefe de familia leve a casa a sua presa sem preocupação delictosa.

Mantem-se immovel o representante da *ordem pública*. — Estava servido se fosse deixar premiar ladrões!

Um sujeito de barba grisalha chamou sobre si a attenção, observando: "Para os ladrões dos bancos e dos ministerios é que não ha prisão nem processos!"

Um operario enferrujado respondeu á deixa: "Nada! Para esses é gran-cruzes e commendas... O mais é historial."

— "Se esses pandegos andam mesmo a caçoar co'a tropa! — commentou um *pescedero*, largando o cesto da sardinha para fazer um cigarro.

— "Agora é que vai ser fome negra, que lá na *Delegacion*... — disse um *barquillero* de onze annos, roendo com deleite um *perro de torridos* que acabava de comprar.

Um operario enferrujado respondeu á deixa: "Nada! Para esses é gran-cruzes e commendas... O mais é historial."

— "Se esses pandegos andam mesmo a caçoar co'a tropa! — commentou um *pescedero*, largando o cesto da sardinha para fazer um cigarro.

— "Agora é que vai ser fome negra, que lá na *Delegacion*... — disse um *barquillero* de onze annos, roendo com deleite um *perro de torridos* que acabava de comprar.

Um operario enferrujado respondeu á deixa: "Nada! Para esses é gran-cruzes e commendas... O mais é historial."

— "Se esses pandegos andam mesmo a caçoar co'a tropa! — commentou um *pescedero*, largando o cesto da sardinha para fazer um cigarro.

— "Agora é que vai ser fome negra, que lá na *Delegacion*... — disse um *barquillero* de onze annos, roendo com deleite um *perro de torridos* que acabava de comprar.

Um operario enferrujado respondeu á deixa: "Nada! Para esses é gran-cruzes e commendas... O mais é historial."

— "Se esses pandegos andam mesmo a caçoar co'a tropa! — commentou um *pescedero*, largando o cesto da sardinha para fazer um cigarro.

— "Agora é que vai ser fome negra, que lá na *Delegacion*... — disse um *barquillero* de onze annos, roendo com deleite um *perro de torridos* que acabava de comprar.

Um operario enferrujado respondeu á deixa: "Nada! Para esses é gran-cruzes e commendas... O mais é historial."

— "Se esses pandegos andam mesmo a caçoar co'a tropa! — commentou um *pescedero*, largando o cesto da sardinha para fazer um cigarro.

— "Agora é que vai ser fome negra, que lá na *Delegacion*... — disse um *barquillero* de onze annos, roendo com deleite um *perro de torridos* que acabava de comprar.

Um operario enferrujado respondeu á deixa: "Nada! Para esses é gran-cruzes e commendas... O mais é historial."

— "Se esses pandegos andam mesmo a caçoar co'a tropa! — commentou um *pescedero*, largando o cesto da sardinha para fazer um cigarro.

— "Agora é que vai ser fome negra, que lá na *Delegacion*... — disse um *barquillero* de onze annos, roendo com deleite um *perro de torridos* que acabava de comprar.

Um operario enferrujado respondeu á deixa: "Nada! Para esses é gran-cruzes e commendas... O mais é historial."

— "Se esses pandegos andam mesmo a caçoar co'a tropa! — commentou um *pescedero*, largando o cesto da sardinha para fazer um cigarro.

— "Agora é que vai ser fome negra, que lá na *Delegacion*... — disse um *barquillero* de onze annos, roendo com deleite um *perro de torridos* que acabava de comprar.

Um operario enferrujado respondeu á deixa: "Nada! Para esses é gran-cruzes e commendas... O mais é historial."

— "Se esses pandegos andam mesmo a caçoar co'a tropa! — commentou um *pescedero*, largando o cesto da sardinha para fazer um cigarro.

— "Agora é que vai ser fome negra, que lá na *Delegacion*... — disse um *barquillero* de onze annos, roendo com deleite um *perro de torridos* que acabava de comprar.

Um operario enferrujado respondeu á deixa: "Nada! Para esses é gran-cruzes e commendas... O mais é historial."

— "Se esses pandegos andam mesmo a caçoar co'a tropa! — commentou um *pescedero*, largando o cesto da sardinha para fazer um cigarro.

— "Agora é que vai ser fome negra, que lá na *Delegacion*... — disse um *barquillero* de onze annos, roendo com deleite um *perro de torridos* que acabava de comprar.

Um operario enferrujado respondeu á deixa: "Nada! Para esses é gran-cruzes e commendas... O mais é historial."

— "Se esses pandegos andam mesmo a caçoar co'a tropa! — commentou um *pescedero*, largando o cesto da sardinha para fazer um cigarro.

— "Agora é que vai ser fome negra, que lá na *Delegacion*... — disse um *barquillero* de onze annos, roendo com deleite um *perro de torridos* que acabava de comprar.

Um operario enferrujado respondeu á deixa: "Nada! Para esses é gran-cruzes e commendas... O mais é historial."



Estabelecimento de banhos em Lambary — Estado de Minas — Brazil



E' um passo da terra ao Céu,
Da Vida á Morte é um ai...
Dó do meu peito ao teu peito
Tamanha distancia vai!

RIBEIRO DE CARVALHO.

Caiel.

POLITICA INTERNACIONAL

A questão da Macedônia apresenta-se este anno com um desuado caracter de gravidade. Estava-se habituado todos os annos em fins do inverno a ouvir annunciando para a primavera proxima uma revolta nos Balkans. Chegava afinal o mez das flores e das brisas tepidas, e o annunciado levantamento cifrava-se n'algumas insignificantes escaramuças, sem importancia nem repercussão.

Actualmente, porém, o aspecto da questão mudou completamente. Sobretudo, depois da viagem do conde de Lamsdorff a Vienna, a Belgrado e a Sofia, a ninguém é licito ignorar o estado agudo que attingiu o problema macedonico. E quanto estavam em campo apenas alguns milhares de insurgentes a levantar a bandeira das reformas ou a hasterar o pendão da autonomia, mesmo que a Servia e a Bulgaria não fossem extranhas a esta explosão de patriotismo, o perigo não era grande. Mas agora que a Russia se move ostensivamente e procura entender-se com a Austria-Hungria para uma acção commum na peninsula balkanica, é evidente que qualquer coisa se prepara, que transcendendo os limites dos costumes protestos de meia duzia apenas de revoltosos.

Não soffre duvida que se o ministro dos negocios estrangeiros russo julgou dever ir pessoalmente a Vienna, a Sofia e a Belgrado, é porque entendeu que essa visita era indispensavel para evitar a conflagração, que todos prevêem imminente. Em primeiro lugar o resultado immediato da viagem do conde de Lamsdorff é forçar a Porta a encarar enfim como necessidade inadiavel o cumprimento das reformas, a que se obrigou pelo tratado de Berlin. Ou realisa essas reformas ou ellas lhe são impostas pelas duas potencias interessadas no assumpto — parece ser este o aviso-intimacao que a viagem do ministro russo deve significar para Constantinopola.

Para a Servia e para a Bulgaria que alcance teve a visita do conde de Lamsdorff? É difficil responder de modo cabal a esta interrogação, dados os interesses antagonicos dos dois estados balkanicos na questão macedonica. Conforme é sabido a população da Macedônia compõe-se pouco mais ou menos de numero igual de musulmanos e de christãos. Estes ultimos por seu turno pertencem á raça bulgára, á raça servia e em menor proporção á raça grega. E' por este motivo que cada um dos tres estados se julga respectivamente com direitos a exercer a hegemonia n'aquella região, mas é justamente por esta razão tambem que a solução do problema apresenta insuperaveis difficuldades. Como será possível conciliar interesses tão oppostos? Deveria a Russia promettido em Belgrado e em Sofia para contentar os dois pretendentes á herança da cobigada provincia turca? São estas interessantes perguntas por ora cobegadas, que as chancellarias guardam, mas que dentro em pouco ha de necessariamente transpirar.

A Russia evidentemente inclina-se mais para a Bulgaria, que é obra sua, do que para a Servia. A esta ultima accusa-a de ingratição, por ella não querer a completa independencia da Turquia e depois ir mendigar as boas graças da Austria-Hungria, de mais de cuja influencia tem quasi que desde a guerra de 1827 sempre estado.

Apparece, porém, á ultima hora um terceiro factor (com a Grecia a diplomacia slava não conta para a regularisção do assumpto), que pôde pôr em chéque respectivamente os interesses dos dois rivaes, e de modo muito particular os da Bulgaria, n'uma determinada hypothese. Este novo factor é o Montenegro, que além de gozar da especial amizade e confiança da Russia, é o natural aliado da Italia pelo casamento da filha do seu principe com Victor Manuel III. Ora parece que a diplomacia russa, n'este ponto de accordo com a italiana e a franceza, como pôde bem suppr-se, destina o principe Mirko, irmão segundo da rainha de Italia, para governador da Macedônia, na hypothese de vingar a ideia da autonomia para aquella região, e que parallelamente a mesma diplomacia trabalha em Belgrado, junto do rei Alexandre, para que o referido principe seja proclamado herdeiro do throno da Servia, no caso mais que provavel de, pela esterilidade da rainha Draga, com o qual se real par se successo. Sendo assim, as ambições da Bulgaria soffreriam tal desilusão, que custa a comprehender o que a Russia poderia dar-lhe para a compensar da perda do seu sonho.

O principe Mirko, governador da Macedônia e ao mesmo tempo herdeiro do throno em Belgrado, representa n'um futuro talvez não muito distante a incorporação da Macedônia na Servia, e portanto a hegemonia entre os povos balkanicos da raça servia em detrimento dos bulgaros. É natural que em Sofia não desconhecem o facto nem se mostrem indifferentes ás consequencias, que elle fatalmente ha-de produzir.

Outro ponto não menos importante n'esta questão é a actitude que assumirá a Porta ante um projecto de reformas para a Macedônia, que possa ir até á autonomia. Aceital-o-ha o Sultão? Ha-de accital-o certamente se todas as potencias o recommendarem, pois nada poderá fazer isolado contra tal imposição. Mas resta saber se Abd-ul-Hamid estará tão isolado como é primeira vista parece.

A Alemanha sempre com os olhos fixos na Asia menor, ha muito que segue em Constantinopola uma politica completamente á parte das outras potencias. Viu-se bem essa attitude no periodo agudo da questão de Creta, que o imperador Guilherme parece intencionalmente ter escolhido para fazer uma espectacular visita ao Sultão, com o pretexto de uma viagem á Palestina. Desde então a influencia germanica não tem cessado de crescer em Constantinopola. O exercito turco foi reorganizado por officiaes allemães. A voz do embaixa-

dor allemão é a mais escutada em Ildiz-Kiosk. E a proposito da propria questão da Macedônia parece averiguado ter a Porta suggerido ás potencias a conveniencia de mandar um general allemão da sua confiança como commissario especial, encarregado de pôr em execução as reformas que os povos d'aquella região reclamam. A suggestão não será decerto tida em consideração pelas potencias. Muito principalmente pela Russia, pela França e pela Austria-Hungria, mas nem por isso deixa ella de ser menos ilucidativa para o estado da questão. Se a Alemanha anima o Sultão na resistencia ás reformas, como é muito possível e até provavel, a crise balkanica pôde assumir tal estado de gravidade, que inevitavelmente produza uma conflagração. O que parece fôr de toda a duvida, conforme o testemunho e as prophcias das melhores autoridades no assumpto, é que ou as potencias tem a necessaria força para impôr ao proprio ottomano reformas serias e a valer para a Macedônia, ou na proxima primavera ninguém all será capaz evitar um levantamento geral, que pôde muito bem ser o prologo de terriveis acontecimentos. Conseguirá uma vez ao menos, n'esta velha questão do Oriente, a politica tortuosa das chancellarias evitar o derramamento de mais sangue?...

A politica externa da Alemanha, dirigida por vezes ao sabor do caracter impulsivo do seu regulador supremo, apresenta-nos na quinquena actual dos factos de natureza tão opposta com respeito ás relações do imperio germanico com os Estados Unidos, que mal se attua com o modo de os poder conciliar. Estes dois factos são: a retirada do dr. Holleben de Washington como representante de Guilherme II, e o bombardeamento do forte de S. Carlos na Venezuela pelos navios de guerra allemães.

A demissão dada ao dr. Holleben, que ha alguns annos representava a Alemanha junto do presidente dos Estados-Unidos, obedeceu evidentemente ao desejo de afastar da America o ministro, que deixara de ser *persona grata* na Casa Branca, depois da desastrosa campanha que iniciava contra lord Pauncefote com o fim de semear a discordia entre as duas nações anglo-saxonias, cuja eventual alliança é um dos pedacellos do imperador Guilherme. O dr. Holleben cometeu aos olhos do seu imperial amo o erro de não ser bem succedido na missão que lhe havia sido confiada, e em que o *Kaiser* punha o maior empenho.

Desde esse momento estava fatalmente condemnado. Não era possível, porém, retirar-o de Washington por semelhante motivo. Seria demasiado impolitico. Escolheu-se então como causa da demissão o que não passava de mero pretexto sem justificação plausivel, por isso que se o dr. Holleben deixara de ser *persona grata* nos circulos politicos da America, fôra exactamente por haver sido mal succedido na tentativa de fazer acreditar que á Inglaterra cabia a responsabilidade de haver tomado a iniciativa para uma colligação da Europa contra a America por occasião da ultima guerra hispano-americana.

Contudo e apesar do expediente parecer um tanto infantil, é certo que ostensivamente o dr. Holleben foi sacrificado ao desejo por parte da Alemanha de se manterem melhores relações com os Estados Unidos. Se a tal respeito podessem existir duvidas, bastariam para dissipar as palavras do successor do ministro demissionario, o barão Speck von Sternburg, em uma entrevista com um jornalista americano, que hoje corre impressa nos jornaes da União. As palavras proferidas n'essa entrevista, de proposito combinada para as que as opiniões do embaixador pudessem ter largo echo, levou-as, elle decerto de Berlin juntamente com as credenciaes, que o confirmavam no posto. Guilherme II quiz pela bocca do seu representante fazer saber ao povo americano os sentimentos amigaveis de que está animado para com elle.

A demissão do dr. Holleben era pouco. Necessitava da prova mais positiva e mais convincente fornecida pelas affirmações do barão de Sternburg.

Mas então como se comprehende o segundo acto, a que acima nos referimos, envolvendo e levado á cabo simultaneamente pela diplomacia imperial? O bombardeamento do forte de S. Carlos, até hoje inexplicavel, por isso que se deu em meio das negociações para a arbitragem, sem caso de força maior que o tornasse necessario, foi um acto que em toda a America e muito especialmente nos Estados Unidos causou a mais profunda impressão. A imprensa norte-americana, reflectindo o sentir geral, atacou rudemente a Alemanha, chegando mesmo a discutir-se a probabilidade de uma guerra com esta nação. Durante os primeiros momentos pôde recear-se até que, em virtude e sob a pressão d'esta campanha dos jornaes de todas as côres e matizes, o governo se visse forçado a fazer qualquer observação a Berlin, do que poderiam resultar imprevisas complicações. O perigo de um conflicto entre os dois governos parece arreado, por haver cessado o bombardeamento, que de resto não conseguiu o fim desejado, visto o forte de S. Carlos não haver capitulado.

No entretanto o efeito moral da aggressão injustificada da Alemanha não se apagará facilmente da memoria do povo americano. E em um tenes a diplomacia allemã pôde muito por elle, que pelo outro tentava ganhar, inutilizando o trabalho de aproximação entre os dois paizes com prejuizo da Inglaterra. Haverá meio de conciliar estes dois actos da politica germanica, a não ser confessando que elles são o producto da direcção impulsiva que desde a retirada de Bismarck está orientando a diplomacia do imperio?

ONDINA

❁ Inverno

Os versos que hoje publicamos assignados *Ondina* são de uma delicada vocação artistica: e dizemos artistica e não unicamente poetica, porque *Ondina* é uma cultora emrita de todas as artes. Cultiva ella com sentimento e mestria o piano e bandolim e canta divinamente. Pois não é verdade que todas as *Ondinas* devem cantar? .. Não o dizem todas as baladas, todas as ficções, todas as lendas, todas as narrativas? .. Esta dama, se não é porém a *Ondina do Lago*, de Theophilo Braga, a *Ondina* de Hoffmann ou a *Dama do Lago* de Walter Scott, se ella é corporea e divinamente formosa — como o retrato que os leitores teem á vista o indica — tem porem todos os encantos da voz, todas as suavidades do trato esmerado, todas as seducções nativas das *Ondinas* das tradições medievas.

A sua voz de *mezzo-soprano*, extensa, pastosa e de timbre suavissimo,



Chegou o Inverno com seus frios lutos!
Cue a chuva das beirras dos telhados,
Sobre os colhos da rua muros encutos
passam rostos friorentos, rozados!
 — Adeus quadras de flores e de fructos!
 — Adeus luar nos laranjeas fechados!

Chega o Inverno com seus veos de crepe!
Chega Dezembro, envolto em nevoeiros!
Como a lua nas neves de uma «steppes»
somente o Sonho luz nos meus canteiros.
 — Adeus begonias verdes de presepe!
 Adeus meus *chrysanthemos*, meus *craveiros!*

Pela janella, que embacia o gilo,
rejo desertas alamedas, al!...
O sol de Agosto suggestivo é bello,
Fáste-te embora... Só a chuva cue!
 — Adeus ó *Via Lactea*, ó *Sete-Estrello!*
 — Adeus ó pombas... Pelo azul voe!

Recollas, cósas, séccas das janellas
dispersas folhas de ramagens frias!...
Parcem restos velhos de procellas,
de sacos que s'andaram anarais!
 — Adeus minhas giestas amarellas!
 — Adeus meus «*wygosotias*», *colorais!*...

O'Ilho, sem vér, figuras incoherentes,
fórmás sem cir, no céo físico e turbado
Tombaram já nos aquas das vertentes
as flores mais garridas do vallado.
 — Adeus violas dos serões ardentes!
 — Adeus meu Sonho!... Adeus ó meu Passado!

Amar

acaricia o ouvido, encanta e seduz. O seu methodo de canto é excellente, sendo correcta na dicção, graciosa e sentimental, conforme a propriedade do que canta.

Ondina, porém, não canta só angelicamente: faz versos primorosos e pinta com gosto e pericia deliciosas aguarelas. E', porem, tão modesta quanto formosa e por isso a todos captiva: tão delicada que a ninguém fere com uma palavra ou um gesto, tão snbil que poderia ser diplomata, e tão bondosa que ninguém se abeira d'ella, quer seja pobre ou faminto, que ella não mitigue com o obulo da caridade evangelica.

Ondina não é, pois, só illustre e fidalgá pelos seus sentimentos e merecimentos; é nobre e illustre tambem pela sua ascendencia e pelo seu casamento. Pois apesar d'isso, *Ondina* é tão modesta que, podendo usar braços illustres e assignar os seus escriptos com um título nobilissimo, é de uma simplicidade admiravel, e assigna verdadeiras maravilhas com um modesto e simples pseudonymo.

Bem dotada pelo nascimento, pela intellectualidade, pelo talento, pela poesia, pelo coração, não o é menos pelas graças.

Venus, se a visse, despediria decerto uma das tres Nymphas que a acompanham sempre, e admitiria em seu logar a graciosa e gentil *Ondina*. Ou se não tivesse coração para despedir uma das tres Graças, ella ficaria decerto sendo a quarta e passaria então a ser a *Grça do sorriso*.

O seu sorriso não tem rival. E' simplesmente delicioso, estonteador, macio — como uma musica, um affago, uma aza.

E' branca como a espuma dos proprios lagos, os dentes são perolas finas... e a respeito do seu canto, já que os leitores não podem ouvir a sua voz divina, leiam estes melodiosos versos, e digam-nos se não tem a melodia de Sapho, e se as *Ondinas* entoaram alguma vez harmonias mais celestes e passionaes.

A estrophas que publicamos hoje são excerptos do seu livro no prelo — *Espumas*.

Ergui-me, um dia, de manhã cedinho,
e fui no campo, entre estendos de côres,
cêr o elcândro, a giesta, o rossarinho,
mais os jasmíns noivar...

E vi abrir-se o coração das flores...
E no mesmo ribeiro, de maninho,
na clara veia d'agua, um passarinho
beber junto ao seu par.

Pela tarde, subi a uma wontanha,
e vi n'um tronco verde do oliveira
um sombo sua extincta campañeira
nos echos lastimar...

Desci a um lago que esse monte-banha,
e vi um cygne, em «pose» presenteira,
da amante ao pé, na crystalina ceteira,
molando de rajar.

Certa noite, no meio da ramagem,
ouvi um roxinol, entre cascatas,
gemer do amor as languidas volatas,
nos raios do luar.

E eu disse então: — Se uma querida imagem
desperta n'alma sensações tão gratas,
se ama o cygne no lago, a ave nas matias,
porque não hei de amar?

Gonde de Valbom

Nasceu em Santarem, aos 15 de novembro de 1819, filho do capitão de infantaria Joaquim Anastácio Lobo de Avila.

Tendo concluído o curso do Collegio Militar e frequentado a Escola Polytechnica de Lisboa, foi promovido a alferes de infantaria em 26 de novembro de 1840. Atravessava então o paiz um periodo de effervescencia politica, de exaltação dos partidos; não se tinham ainda extinto os fogos de bivaque da guerra civil; succediam-se os tumultos e os pronunciamentos. Em 1842, restaurada a Carta, a pasta do reino era confiada a Costa Cabral e pela primeira vez, diz Oliveira Martins, se via o governo positivo nas mãos de um paisano, mais sob a presidencia de Terceira e com a adhesão de Saldanha, marechales do exercito.

Contra o feliz vencedor, moderno Pombal, formou-se a coalizão das opposições que deu de si a revolta de Torres-Novas (1844). Ao lado do coronel Cesar de Vasconcellos estava o alferes Lobo de Avila: O



Joaquim Tomaz Lobo de Avila
Conselheiro de Estado effectivo — Ministro de Estado honorario
Inspector geral de Obras Publicas
† em Lisboa a 31-1-1900

movimento, porém, mallogrou-se; José Estevam não conseguiu revolucionar Traz-os-Montes; as tropas sublevadas capitalizaram em Almeida e emigraram para Hespanha.

D'alli seguiu Lobo de Avila para Paris, onde fez o curso da Escola de Pontes e Calçadas, praticando tambem nos trabalhos publicos da Franca.

Foi admittido no serviço das obras publicas de Portugal em 15 de novembro de 1849. Entrava justamente quando se iniciava os melhoramentos materiaes.

Costa Cabral fôra n'este ponto o precursor da regeneração: em 1844 organisou a companhia das obras publicas e era sua a idéa de construir uma linha ferrea entre Lisboa e Porto e outra para Badajoz, o que a opposição considerava doidices de um vidente. Em 1846 o conde de Lavradio assegurava na camara que entre Lisboa e Porto não haveria por anno mais de 6.000 passageiros! E se forem 300.000? perguntava o rigido ministro.

Lobo de Avila foi encarregado, em 18 de fevereiro de 1851, da regencia da 5.ª cadeira auxiliar (estradas e caminhos de ferro) da Escola do Exercito, serviço de que pediu a exoneração em 1856.

Fez parte da commissão nomeada em 1851 para estudar uma proposta de Hardy Hislop para construção de linhas ferreas em Portugal. Foram as bases apresentadas por esta commissão que serviram de programma ao concurso aberto em 1852 para a construção da linha de Lisboa á fronteira de Hespanha por Santarem.

Em 30 de agosto de 1852 creou-se o ministerio das obras publicas, commercio e industria, o que era *autorizado pela experiencia de outros povos, reclamado pela natureza dos factos e proclamado pela opinião geral* (palavras que precediam o decreto, sendo encarregado de gerir a nova pasta Fontes Pereira de Mello, moço engenheiro, cheio de talento, de energia e de fé nos recursos nacionaes, o verdadeiro propulsor dos trabalhos de fomento).

Em outubro de 1852 foi Lobo de Avila nomeado secretario do conselho de obras publicas, lugar que desempenhou até 24 de abril de 1861, data em que passou a exercer o cargo de inspector de obras publicas.

Em 1853 publicou um folheto intitulado *Reflexões sobre o contracto para a construção do caminho de ferro de leste*, no qual respondendo a tres extensos artigos da *Imprensa* defende, com os seus conhecimentos de engenheiro e grande vigor de polemista, a proposta que o governo la apresentar á camara para approvar o contracto da construção daquelle linha com a companhia central geninular dos caminhos de ferro em Portugal, representada por H. Hislop. Pronunciando-se pelo sistema da concessão e preocupado com a situação financeira do paiz puzera: «Não teremos, por nossa desgraça, todas as estradas por fazer, todos os rios por canalizar, todos os portos por melhorar, antes de distrahirmos quaesquer fundos que se possam obter para a remissão dos caminhos de ferro? Hoje me lhor podemos avaliar a justificação d'estas duvidas.

Muitas commissões exercero no ministerio das obras publicas, cujo serviço por longos periodos intencionalmente se procurou aliviar de cargos publicos, que abaixo referiremos. Citaremos as nomeações de vogal da junta consultiva de obras publicas e minas em 1875, da commissão de inquerito industrial de 1881, da commissão encarregada de examinar as reclamações dos empreiteiros do porto de Lisboa em 1892, n'este mesmo anno de inspector dos edificios publicos, de vice-presidente do conselho de obras publicas e minas em 1895, e de presidente do conselho tecnico de obras publicas em 1899.

Acompanhando a sua carreira hierarchica no exercito vem-o promovido a tenente em 1847, e a capitão em 1864. Em 1870 obteve a sua demissão de official, o que solicitou porque o marechal Saldanha o mandara arremettar por motivos politicos. No mesmo anno foi graduado capitão de engenheiros, segundo as disposições da legislação de 1868; depois foi successivamente graduado nos diversos postos até que em 1883 attingiu a gradação de coronel.

Em 1886 foi classificado engenheiro de 1.ª classe do ministerio das obras publicas na situação de inactividade. Em 1892, inspector de 1.ª classe. Em 1899 recebeu a categoria de inspector geral.

Em 1868 redigiu e assignou com João Chrysostomo a exposição, que corre impressa, dirigida ao marquez de Sá, presidente do conselho de ministros, em nome dos engenheiros civis portuguezes.

Quando falleceu, em 31 de janeiro, era o decano dos engenheiros de obras publicas. Attingiu o apogeu. Vamos agora recordar alguns traços da sua carreira politica, onde tambem subiu os degraus mais elevados da escala.

Eleito deputado em varias legislaturas, foi chamado pela primeira vez aos conselhos da corôa em 21 de fevereiro de 1862, por occasião de uma larga recomposição concedida ao gabinete Loulé-Sá da Bandeira. Lobo de Avila succedia na pasta da fazenda a Antonio José de Avila, e entrava com Braamcamp e Mendes Leal para um notavel ministerio, onde elle foi figura preponderante, e entre cujas providencias se contam a extinção dos morgados, a abolição do monopolio dos tabacos, a abertura da linha de leste até a fronteira (24 de setembro de 1863) e da linha do norte até Gaia (7 de julho de 1864), e, como privativas da pasta da fazenda, a consolidação do credito predial e a instituição do credito predial e a reforma dos serviços aduaneiros.

Deixou o poder em 5 de março de 1865 para voltar em 1869, sendo-lhe confiada a pasta das obras publicas, onde reformou o serviço tecnico de obras publicas, os serviços geodesicos e geologicos, e o ensino industrial e agricola, e mais tarde tambem a pasta da guerra que occupava em 19 de maio de 1870, quando se deu a sublevação commandada pelo marechal Saldanha que derrubou o ministerio. A proposito d'este acontecimento pronunciou Lobo de Avila um notavel discurso na camara dos deputados (12 de dezembro) em que explicou os motivos por que o gabinete Loulé não pôde impedir que o revoltado marechal fosse ao paço da Ajuda. «Já para mim é uma honra julgarem-me digno de lutar com o duque de Saldanha. Não posso, nem ambiciono nunca medir-me com este famoso general... Deploro que os altos poderes do estado fossem descaçados e a constituição violada pela sedição de 19 de maio, mas não sinto ter cahido sem fazer derramar sangue portuguez», palavras estas em que fulguram a fina ironia do decahido ministro da guerra e os sentimentos humanitarios de um cidadão liberal.

Depois da morte do duque de Loulé, Lobo de Avila retrahiu-se do campo partidario propriamente dito.

Em 1874 escreveu o *Estudos de administração*, livro que lhe deu ingresso na Academia das Sciencias, de que era socio effectivo. E' uma obra que goza de subida reputação no meio scientifico portuguez, na qual o seu autor faz de um modo geral a historia da administração publica em Portugal; aprecia as côrtes de 1820, como mais decematorias que reformadoras, occupando-se antes de controversias politicas do que de questões economicas; estabelece que as reformas de 1832, obra do genio de Mousinho da Silveira, constituem a principal força moral do exercito libertador; condemna o Codice Administrativo de 1842, e exalta o principio da descentralização.

Em 1874 foi agraciado com o pariato, e em 1875 com o titulo de conde de Valbom. Em 1876 foi nomeado ministro plenipotenciario em Madrid, em 1878 conselheiro de estado effectivo, em 1886 ministro plenipotenciario em Paris, onde esteve até 1890, como mais decematorias que reformadoras, occupando-se antes de controversias politicas do que de questões economicas; estabelece que as reformas de 1832, obra do genio de Mousinho da Silveira, constituem a principal força moral do exercito libertador; condemna o Codice Administrativo de 1842, e exalta o principio da descentralização.

Em 1874 foi agraciado com o pariato, e em 1875 com o titulo de conde de Valbom. Em 1876 foi nomeado ministro plenipotenciario em Madrid, em 1878 conselheiro de estado effectivo, em 1886 ministro plenipotenciario em Paris, onde esteve até 1890, como mais decematorias que reformadoras, occupando-se antes de controversias politicas do que de questões economicas; estabelece que as reformas de 1832, obra do genio de Mousinho da Silveira, constituem a principal força moral do exercito libertador; condemna o Codice Administrativo de 1842, e exalta o principio da descentralização.

Em 1874 foi agraciado com o pariato, e em 1875 com o titulo de conde de Valbom. Em 1876 foi nomeado ministro plenipotenciario em Madrid, em 1878 conselheiro de estado effectivo, em 1886 ministro plenipotenciario em Paris, onde esteve até 1890, como mais decematorias que reformadoras, occupando-se antes de controversias politicas do que de questões economicas; estabelece que as reformas de 1832, obra do genio de Mousinho da Silveira, constituem a principal força moral do exercito libertador; condemna o Codice Administrativo de 1842, e exalta o principio da descentralização.

Em 1874 foi agraciado com o pariato, e em 1875 com o titulo de conde de Valbom. Em 1876 foi nomeado ministro plenipotenciario em Madrid, em 1878 conselheiro de estado effectivo, em 1886 ministro plenipotenciario em Paris, onde esteve até 1890, como mais decematorias que reformadoras, occupando-se antes de controversias politicas do que de questões economicas; estabelece que as reformas de 1832, obra do genio de Mousinho da Silveira, constituem a principal força moral do exercito libertador; condemna o Codice Administrativo de 1842, e exalta o principio da descentralização.

Em 1874 foi agraciado com o pariato, e em 1875 com o titulo de conde de Valbom. Em 1876 foi nomeado ministro plenipotenciario em Madrid, em 1878 conselheiro de estado effectivo, em 1886 ministro plenipotenciario em Paris, onde esteve até 1890, como mais decematorias que reformadoras, occupando-se antes de controversias politicas do que de questões economicas; estabelece que as reformas de 1832, obra do genio de Mousinho da Silveira, constituem a principal força moral do exercito libertador; condemna o Codice Administrativo de 1842, e exalta o principio da descentralização.

pontes e calçadas, relembando os seus antigos trabalhos e estudos de rapaz, não sentiria lenitivo, balsamo suave para passados, duros lances de uma agitada vida politica, e ainda para o profundo desgosto, que jamais cicatrizou e intimamente e martyrizava, da perda do seu querido filho Carlos, que tão moço se exaltou ao fastigio do poder e da celebridade, como prematuramente foi arremessado ao tumulo?

Descance em paz o venerando conde.

Alfredo Vaz Pinto da Veiga.

Dr. Martim Francisco

O Brasil-Portugal, que, n'um dos numeros passados, estampou em sua pagina de honra o retrato do eminente estadista sr. visconde do Ouro Preto, offerece hoje aos seus leitores o retrato e biographia de outro distincto brasileiro: — é o dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, descendente d'essa illustre familia dos Andradas, que tão importante papel representou na historia politica d'aquelle grandioso paiz.

Filho do notavel estadista de igual nome, o dr. Martim Francisco foi eleito deputado provincial em S. Paulo, em 1877, fazendo parte da minoria, ao lado de Leite Moraes, Moreira de Barros, Prudente de Moraes, Martinho Prado, Cesario Motta e outros. Foi deputado geral pelo 5.º districto e presidente da provincia do Espirito Santo. Recusou a commenda da Imperial Ordem da Rosa.

Fez-se, mais tarde, separatista; proclamada a Republica, exerceu



Dr. Martim Francisco

as funcções de secretario da fazenda no governo de S. Paulo e, abandonando a politica dominante, tornou-se francamente restaurador, iniciando desde logo, na tribuna e na imprensa, activa propaganda monarchista.

O dr. Martim Francisco é cultor apaixonado dos classicos antigos; jornalista e juriconsulto, é um dos mais notaveis advogados do foro de Santos.

São estas as confissões do illustre paulista:

- Vossa virtude favorita?**
Nenhuma. Digo o que o hespanhol diz das mulheres: *Me gustan todas.*
- Vossas qualidades favoritas no homem?**
Talento. Estudo. Methodo no trabalho. Abolição de credores.
- Vossas qualidades favoritas na mulher?**
Belleza. Asseio. Honestidade. Não dansar depois dos trinta annos.
- Vossa occupação?**
Alimentar o estomago advogando, e o cerebro estudando.
- O traço principal do vosso caracter?**
Tolerancia perturbada pela altivez.
- Vossa idéa de felicidade?**
Ter uma patria feliz.
- Vossa idéa de desgraça?**
A actualidade nacional.
- Onde preferiis viver?**
Em Athenas. Em todo o caso, preferiria não ter nascido.
- Vossos actores favoritos em prosa?**
Spencer, Draper, Buckle, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, etc.
- Vossos poetas favoritos?**
Homero, quando leio Camões. Camões, quando leio Ariosto.
- Vossos pintores e compositores favoritos?**
Dos pintores: José Maria Pardo, meu mestre de desenho no collegio; aparava, lapis perfeitamente; quando imaginava um peçoço, pintava invariavelmente uma orelha. Dos compositores: Verdi.
- Vossos heroes na vida real?**
Epaminondas, sempre; Christo, quasi sempre; Mithridates, algumas vezes.

Vossas heroínas na vida real?

As mulheres que não estremerem quando um homem lhes disser: *Eu já sei de tudo.*

Vossa nutrição e vossa bebida favorita?

Carne, legumes, etc. A nutrição normal no Brasil. Prefiro os vinhos portuguezes. Odeio o vinho turco.

Vossos nomes favoritos?

Os de poucas syllabas: Cid, Job, etc.

O objecto da vossa maior aversão?

Ter vizinhos que apprendam clarineta. Jogo e jogadores. A mentira como degrau de posições politicas.

Por que falta tendes maior indulgência?

Pelo parto sem as cautelas legaes.

Qual a vossa divisa favorita?

Cave ne cades! (Aguenta-te na vida!)



ALDEIA NO MINHO — Serradella

Esta gravura é copia de uma deliciosa phototypia que a «Arte e Natureza em Portugal», dos srs. Evalio Biel e C.ª, do Porto, acaba de distribuir aos seus assignantes com o fasciculo n.º 24, que fuzla o 4.º volume d'essa esplendida publicação artistica.



Cesar de Lacerda
† Lisboa a 12-1902

Foi um escriptor theatral dos mais fecundos no nosso paiz, e dos mais applaudidos. Como actor teve triumpho a uma epoca e foi de uma correccão no dizer que lhe merecia sempre applausos. No theatro deixou uma larga obra, raramente conhecida em Portugal e no Brasil.

Theatros

D. Maria — *Crime d'Amor*. Manhã de sol. *Boubouroche*. *O solar de Bentley* — *D. Amélia* — *Go-ga*. *As Fogueiras de S. João*. *A Pedra* — *Príncipe Real* — *N'um tino* — *Rua dos Condes* — *No olho da rua*.

Pequenas peças originaes se intercalaram nas que, traduzidas, foram durante estes quinze dias representadas nos dois primeiros theatros de Lisboa.

Uma d'essas obras de theatro fixou logo um nome. É o *Crime d'Amor*, do sr. Jorge Santos. Nesses dois pequenos actos, cheio de drama, vivos, exuberantes de intenção, singelos na forma, vibrantes no dialogo, nitidos na idéa, logicos na acção, interessantes no desenlace, sente-se o pulso de um dramaturgo. E a sociedade artistica do theatro de **D. Maria** pode gloriar-se de ter, com esta estreia prometteadora e feliz, augmentado e porventura enriquecido a galeria dos autores dramaticos nacionaes. O drama é a historia comovente e simples de um amor intenso entre dois irmãos que não sabem que o são, amor que estuda a transformar-se em crime incestuoso, que o auctor evita com um fino tacto theatral. Os actos que em torno do drama se movem tem vida, são humanos, não são figuras movidas como titeres por cordeis que toda a gente vê, e que abundam no theatro moderno em grande e triste escala. Não tem pretensões a linguagem, e pela sua simplicidade, pelas figuras portuguezas que o auctor criou, tem ainda o drama do sr. Jorge Santos esta qualidade que o recommenda á sympathia de todos: é bem uma obra portugueza.

Felicito o auctor e o theatro e abranjo a esta felicitação os interesses do *Crime d'Amor*: Ferreira da Silva, Falco, Mellio, Costa, Luiz Pinto, que comprehenderam e souberam reproduzir com arte as figuras de que se incumbiram.

Manhã de sol é um titulo bonito e um bonito dialogo, n'um acto. O nome que o firma é bem conhecido nas nossas letras, é o de um poeta de valor, collaborador effectivo do *Brasil-Portugal*. Fernando Maia, com primores de *diseur* e sentimento de arte dá relevo á linguagem litteraria em que Guedes Teixeira traduz e fixa o amor intenso entre duas pessoas que a sorte procura separar. Augusta Cordeiro completa com a sua elegancia e a sua dicção o brilho d'esse dialogo, que o publico saboreou como fina *gourmandise* litteraria.

Do espectáculo de **D. Maria** em que esses originaes se representaram fez parte ainda uma traducção. É o *Boubouroche*, que veio precedido de fama e que consagrou o nome do auctor George Courteline. É, por assim dizer, o tipo da farça moderna em que ha *charge*, mas discreta, graça fina, observação justa. Tem da velha farça o imprevisto comico, e as situações hilaritantes; mas tudo irto temperado com o espirito moderno e a critica, que pode ser ao mesmo tempo humoristica e justa.

O *Boubouroche*, em cuja versão cuidada poz Moura Cabral o melhor do seu espirito e uma boa parte da sua graça, fez escala até nós pelo theatro Antoine, de Paris, onde foi acolhida com successo, e com geral agrado a recebeu tambem o publico de D. Maria, que envolveu em applausos calorosos os artistas que desempenharam a primor a *Boubouroche*, e especialmente Joaquim Costa, que fez uma admiravel criação, Ferreira da Silva e Angela Pinto.

Antes d'estas, uma peça inglesa, *O solar de Bentley*, de Tom Taylor, deu uma boa serie de representações. E o exito com que foi acolhida não só foi devido á originalidade e á graça da comedia, mas ao valor da traducção correctissima de Manuel de Macedo, ao cuidado e primor da *mise-en-scene*, e ao desempenho, em que se salientaram Cecilia Machado, que fez um dos seus melhores papeis, Carolina Falco, Fernando Maia e Ferreira da Silva.

Uma comedia original n'um acto, uma peça allemã pela primeira vez representada em Lisboa e o apparecimento na *Fedora*, de Lucilia Simões, são as novidades palpitantes que offerece n'esta quinzena o theatro **D. Amélia**.

Go-ga, firmado por Julio Dantas, nem acrescenta nem tira ao nome laureado do auctor da *Ceia dos cordeiros*. É um dialogo em prosa, ou antes um pretexto para que uma actriz gentil como é Miria Pia se faça confiante do amor, e que, pesada de um velho *go-ga*, que foi um mundano e um elegante e que, pesada de um mastar-se quasi, tem a velledade de ser moço ainda e de ser ainda amado por todas as mulheres. A caracterisação plastica e moral da personagem deua Pinheiro com muita intenção e muito relevo.

A peça allemã é: *As Fogueiras de S. João*, de Sudermann, que, dignos sem favor, está muito correctamente traduzida por Christião de Sousa. O publico habituado ao espirito convencional, e aos moldes inalteraveis do theatro francez, fica sempre perplexo ante as exhibições que lhe fazem no palco os dramaturgos do norte, das suas personagens, da philosophia que espalham, do amor que sentem, das aspirações, da vida social que os caracteriza. Deante dos arrojados problemas e das reivindicações sociaes postas em scena por Ibsen, a surpresa das platéas do occidente cresce de ponto, habituadas como estão aos figurinos do espirito francez.

Na peça de Sudermann a figura interessante por excellencia é Violeta, a filha de uma mendiga, christã e ladra, a filha da fome, como ella se chama á propria. Na mocidade, no amor, na vida d'esta rapariga está impressa a fatalidade do destino, que a impede de ser feliz, que a acorrenta ao soffrimento moral, que para cada desejo lhe talha uma decepção, para cada esperança uma amargura, para cada passo para a frente, um castigo e um soffrimento que a obrigam a recuar á sua primitiva condição. É, por assim dizer, o estudo pathologico d'uma alma em torno da qual se movem figuras interessantes, como aquellas a primor desempenhadas por Lucilia Simões, Christiano,

João Rosa, que escolheu a peça para a noite da sua festa, e que no papel de Jorge põe todos os seus recursos de actor consummado, Je-Jesuna Saravia, Delfina Cruz, Pinheiro e Cabral.

Lucilia é a Violeta creada pelo auctor das *Fogueiras de S. João*, e o typo perfeito, a encarnação plastica, a linha espirital, d'essas mulheres do norte que eu vi por todas essas cidades scandinavas, mais caracteristicas ainda, no sentido em que Sudermann as representou no theatro, que as mulheres allemãs. Lucilia é a Violeta, de Sudermann, amada orgulhosa, incoherente, agora hirta, erecta, como uma estatua, d'ahi a pouco affectiva, apaixonada, figura symbolica a que ella deu realidade com uma intelligencia e um brilho, que pedem todos os louvores, como lhe grangearam as palmas com que o publico do D. Amélia tem coroado o seu bello trabalho; Lucilia Simões progrediu a olhos vistos. Hoje a Violeta, hontem ainda a *Fedora*, e a estas figuras que nada tem de semelhante nem de commum, ella deu por igual o brilho do seu talento, a graça da sua mocidade e o empenho da sua arte.

Dois theatros populares, da *Rua dos Condes* e do *Príncipe Real*, estão em pleno regimen de... revistas. Que tem juizo, diz-lh'o o publico, que para este genero de espectaculos theatraes tem decidida preferencia. A revista do Príncipe Real *N'um tino* não é nova, é renovada. E' a outra, a prohibida depois de dar setenta e tantas representações, a famosa *A procura do baidão*, com côrtes e com accrescimos. Tem de melhor o que Baptista Diniz, o auctor, por acrescentar, tem de peor o que lhe cortou o governo civil. D'onde se conclue que n'estes genero litterario a policia é uma detestavel collaboradora.

Apesar d'esse genero, porém, a revista tinha graça popular para dar e vender, tinha o *savoir faire* peculiar do seu popularrissimo auctor, e o publico corre todas as noites ao theatro para saborear e applaudir tudo aquilo a que a policia deu circulação. Para se desforçar um pouco, lá tem a mais tambem o final do 1.º acto, a partheoza á Assistencia Nacional aos Tuberculosos, com o extracto da benemerita rainha do fundo, e tem ainda de novo o desempenho de Mercedes Blasco, em varias personagens, Roque no sineiro, e outros artistas novos, o que dá sempre a uma peça relativa actualidade.

A outra revista é *No olho da rua*, que a empresa Taveira poz em scena no theatro da Rua dos Condes, firmada por Camara Lima, Mello Barreto, Milano e Del-Negro, auctores, o primeiro, da prosa, do verso o segundo, e da musica os dois ultimos. *No olho da rua* tem coisas boas e tem coisas más, como toda a obra humana, má e boa. E a isto teria menos se os seus auctores fossem menos... litteratos. Esse excesso é um defeito n'este genero theatral, essa qualificação é uma culpa. E é um caso este em que não pode dizer-se: *felix culpa*, porque a acceitação pelo publico, o exito ou insuccesso, entra na obra como factor principal. Não se dá o mesmo n'outra esphera litteraria, n'outro ramo de litteratura dramatica, em que n'um trabalho de alto valor, por exemplo, estejam em commoção o espirito critico e o publico, a critica e o publico, e o publico não comprehendendo.

Nas revistas, o effecto tem de ser directo, de chofre, nada de periphrases, nem de linguagem burilada, nem de rodeios para chegar ao fim. Pelos olhos e pelos ouvidos, e subitamente, o espectador deve ter a impressão que o auctor teve em vista communicar-lhe. Na escolha dos assumptos, no desfile dos acontecimentos que durante o anno exposto á troça más voga tiveram, e na maneira, longa ou rapida, analytica ou incisiva, de os tratar, de symbolisar uma situação, um caso de estrondo, n'uma phrase humoristica ou n'um *couplet* com graça, está a aptidão, o valor, o que constitue o segredo do *métier*.

Ora, sou o primeiro a concordar que nada mais difficil para um homem de letras do que largar a sua pelle litteraria e substitui-la, permittia-se-me a phrase, pela pelle de revestido; deitar fóra as suas imagens, o seu estylo, a finura da sua graça, o *ecrin* das suas idéas, e, repentinamente, pôr-se em contacto com um publico que nada d'isto aprecia e quer, e exige até o contrario, e só ri e applaude, quando a critica é e o ditto é caustico ou brejeiro, e a intenção é velhaca, e o sorriso é *camille*, e o verso é petulante, e todas as coisas que passaram, as ridiculas e as serias, são acolhidas e festejadas com a mesma girandola da troça. Quem faz isto, vence, quem sabe *lazer* isto, é mestre no officio. E toda esta graça tem de brilhar um momento, como de ser instantanea, ephemera, a impressão que devia transmittir esta arte *seu genero*, que é á primeira vista a negação de arte. Mas, o que hoje se vê talvez não se não comprehenda amanhã, o ditto fulsante, acolhido hoje com gargalhadas e palmas, é, d'aqui a mezes, uma sensaboria tremenda. Haja vista essa famigerada revista de Argus, que foi no seu tempo o maior successo theatral, e que posta em scena, ha pouco, em dois theatros, foi recebida com bocejos... por grande favor, e talvez um pouco de respeito pela memoria do revestido afamado, que a morte levou moço.

Ora é justo que os theatros de Camara Lima e Mello Barreto, para chegarem, verem e vencerem, não soberam por completo despojar-se da sua pelle de litteratos e jornalistas e envregar a outra. Aqui e ali, a graça estylo e o talento briha, o talento, porque elle é em tudo a materia prima, mas aqui e ali tambem sente-se que o terreno lhes falta, que ha situações mal exploradas, quadros de mau gosto como o do cuspo, outros irritantes, como o do cadaver de que fazem chouricos, outros longos de mais como o da *grève* dos padres.

Mas a par d'isto ha ditos de um picareco desopilante, scenas interessantes como a fuga do Bicho do topa, a da falsificação, quasi todas as que constituem o 1.º acto, o melhor, bem medido, bem proporcionado, movimentado com arte, e ouvido todo elle com agrado.

A empresa confiou a scenographia a Eduardo Reis, que da tarefa se sahiu bem, especialmente no quadro *arte nova* da falsificação. Tem bellos numeros de musica a revista e no desempenho sobressahiram os melhores artistas d'aquelle theatro: Isaura, Delfina, Santosinhos, França, Firmino e Salvaterra.

BRASIL—PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Imprensa

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 30

Páginas supplementares: Off. Estêvão Nunes & F.ª
Rua d'Assumpção, 15 & 24

Directores

Augusto de Castello, Jaime Victor, Lotário Taveira
Editor—Luiz Antonio Sanchez
Redação e administração—Rua de S. Roque, 128
End. telegraphico—BRATOGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA	ESTRANGEIRO	
Anno	Moeda brasileira	Anno	6 meses	Numero Avulso
Numero Avulso	30000	Anno	6 meses	Numero Avulso
	23000	6 meses	3 meses	
		3 meses	Numero Avulso	
		Numero Avulso		

SUMMARY

TEXTO

Almeida Garrett.
Teixeira Lopes—RAUL BRANDÃO.
Moreira Rato—L. F. MARRÉCAS FERREIRA
Ordem publica (historia) CARVALHO.
Quadra—RINHEIRO DE CARVALHO.
Politica internacional—CONSILIERI PEDROSO.
O inverno—AMAR—ONDINA
Conde de Valbom—ALFREDO VAZ PINTO DA VEIGA.
Theatros—LAYNE VICTOR.

GRAVURAS

ALMEIDA—GARRETT—A casa onde nasceu e a casa onde morreu—Jazigo no Cemiterio dos Fazeres onde repousam os seus restos—Garrett, estudante—Jazigo de Garrett no alto de S. João—Conde de Valença e Alberto Bessa, Presidente e secretario do Conselho director da Sociedade Litteraria Almeida Garrett.

A NOSSA CAMARA DOS DEPUTADOS—Grupo de Teixeira Lopes encimando a tribuna do corpo diplomatico—Grupo de Moreira Rato encimando a tribuna da Familia Real—os retratos dos dois escultores.

LAMBARY—CAMBUQUIRA—O Casino de Lambary—Estabelecimento de banhos em Cambuquira—Fonte Regina Wernock—Casa para onde foi residir Floriano Peixoto logo que deixou o governo—Estabelecimento de banhos em Lambary.

ONDINA
CONDE DE VALBOM—Joaquim Thomaz Lobe d'Avila
DR. MARTIN FRANCISCO.
ALDEIA NO MONHO—Serradella.
CESAR DE LACERDA.

Illustrações

Os nossos correspondentes.
Representantes do Brasil-Portugal.
Bom conselho.

ANNUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto.—Porto Julio Lima & C.ª—Rio de Janeiro.
The Pacific Steam Navigation Company—Lisboa.
Villar d'Alen—Vinhos—Rio de Janeiro.

J. Nunes Correia—Lisboa.
Empresa insular de navegação—Lisboa.
Jouffe—Paris.
Ourevas joalheiros.—Porto.
Hotel dos estrangeiros—Rio de Janeiro.
José Maria Pereira Junior—Rio de Janeiro.
Banco Nacional Ultramarino—Lisboa.
Bibares de precisão—Lisboa.
João Cardoso—Lisboa.
Mala Real Inglesa—Lisboa.
Companhia Transatlantica de Barcelona—Lisboa.
Fonseca, Santos & Vianna—Lisboa.
Gabinete Hydrotherapico—Lisboa.
Alfayateria Confiança—Lisboa.
Empresa Nacional de Navegação—Lisboa.
London & Paris—Lisboa.
Compagnie des Messageries Maritimes—Lisboa.
Estamparia do Bulhão—Porto.
Dr. Oscar Leal—Lisboa.
Maison Nouvelle—Lisboa.
Manuel de Azevedo e Mello—Rio de Janeiro.
Antes d'Alfayate A. Couto—Lisboa.
Avilla Gomes—Rio de Janeiro.
Cimento 'Po land, Lion & C.ª—S. Paulo

Santos.
A Economica—Rio de Janeiro.
Alberto, Martins & C.ª—Rio de Janeiro.
Ultramarino—Lisboa.
Honorio do Prado—Rio de Janeiro.
Fabrica de Tecidos e Fiação—S. Paulo.
Aux Dames Elegantes—Rio de Janeiro.
Companhia de seguros maritimos e terrestres
Rio de Janeiro.
Casa Doux—Rio de Janeiro.
Arthur de Carvalho & C.ª—Rio de Janeiro.
A Brasileira—Rio de Janeiro.
Parc Royal—Rio de Janeiro.
Chapelleria Americana—Rio de Janeiro
Jacintho Ribeiro dos Santos—Rio de Janeiro.
Agencia financeira de Portugal—Rio de Janeiro.
Vinhos Velhos Legitimos do Porto.—Porto.
A Rubeca de Ouro—Rio de Janeiro.
Casa Abreu—S. Paulo.
Drogaria e Perfumaria—S. Paulo.
Formicida-Schomaker—Rio de Janeiro.
Grande Hotel—S. Paulo.
Angelino Simões—Rio de Janeiro.
Torres Carneiro—Rio de Janeiro.
Veiga & C.ª—Rio de Janeiro.
Pianos de Pleyel—Rio de Janeiro.
Daniel Monteiro de Azevedo—S. Paulo.
Aguas de Carobozza—Lisboa.

La Union y El Fenix Español—Lisboa.
Ferreira Sobrinho & C.ª, Joalheiros—Rio de Janeiro.
Companhia Geral do Credito Predial—Lisboa.
Fabrica S. Lourenço—Rio de Janeiro.
Escola Academica—Lisboa.
Arjujo Veiga & C.ª—Rio de Janeiro.
Ao panha pouco—Rio de Janeiro.
Typellaria e typographia—Rio de Janeiro.
Martins, Vianna, Var & C.ª—Rio de Janeiro.
Ferreirinha—Rio de Janeiro.
Perfumaria L. Quarré—Rio de Janeiro
J. L. Martins—Rio de Janeiro
Fabrica Confiança de Gravatas—Rio de Janeiro.
Fabrica de ladrilhos hydraulicos—Rio de Janeiro.

NA CAPA

Ofeguas minerarias—Rio de Janeiro.
Garantia da Amazonia—Pará.
A' notre dame de Paris—Rio de Janeiro
Farinha, Carvalho & C.ª—Rio de Janeiro.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brasil) representam Brasil-Portugal os sr.s:
Abreu Irmãos & C.ª, em S. PAULO.
Zeferino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.
Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaguara, n.º 1), em CAMPINAS.
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.
A. Vianna Pinto de Sousa (vice consul de Portugal), no RIBEIRÃO PRETO.

Rio Solimões—J. C. Mesquita (casa Andersen)—MARAÓS.

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!
— Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...
— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas cores. E eras tão franzino!
— Couzas, meu velho. Faze como eu. Toma o Chocolate Brasil, que se fabrica no Moimho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Provenem os preciosos vinhos de Adriano Ramos Pinto

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

No Continente

PORTO.—Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 10.
 EVORA.—Agente geral em Evora e no Sul Eduardo Brastó Pereira, Praça do Geraldo, 15, 1.
 BENAVENTE.—J. N. S. Carvalho.
 FONTE DE LIMA.—Gama, Amarel & Com.
 COIMBRA.—João Ribeiro Arrobas, Arco do Ivo, 1-2.
 CAST. LLO BANCO.—Pedro Augusto Pessoa.
 BRANDES.—Antonio Augusto Salgueiro.
 ELVAS.—João Antonio dos Santos Sobrinho.
 SI COBAÇA.—José Narciso da Costa.
 PORT ALEGRE.—Domingos da Guerra Conde LERIA.—Mannel Pereira Dias.
 FIGUEIRA DA FOZ.—Antonio Marques da Silva
 VIANNA DO CASTELLO.—J. B. Domingues
 CORUHE.—José Pereira Cabral.
 TAVIRA.—José Maria dos Santos.
 FARO.—Maya & Trigoço.

No Estrangeiro

PARIS.—Xavier de Carvalho, Boulevard Cligny, 18.
 A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

Na India

NOVA GOA.—Antonio M. da Cunha — Casa Lusa Francesa.—Rus Alfonso de Albuquerque.

No Brasil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO.—(Agencia Central

dos Estados do Sul. Coronel Theodilo Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua de Alfandega, 4. sobrado.
 PERNAMBUCO.—A. Leopoldo da Silveira.—Rua Primeiro de Marco, 11.
 PARÁ.—J. B. dos Santos — (Livreria Classica)—Rua João Alfredo, 51.
 MANAOS.—Jayma & Camara—Livreria Classica—Rua Guilherme Moreira.
 MARIANHEIRO.—Leonelo J. de Medeiros & C.
 CRARA.—A. Ferreira Braga—Praça José Alencar so BAHIA.—José Luis da Fonseca Magalhães (Livreria Magalhães)—Rua Direita do Palácio, 25.
 PELOTAS.—Carlos Pinto & C. (Livreria Americana).
 PORTO ALEGRE.—Carlos Pinto & C. (Livreria Americana).
 RIO GRANDE DO SUL.—Carlos Pinto & C. (Livreria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.
 VICTORIA.—Estado do Espirito Santo — Guimarães e Coelho — R. da Alfandega, 15.

Em Africa

MOÇAMBIQUE.—Julio Augusto Pinto de Carvalho BEIRA.—Antonio Francisco Ribeiro.
 MOSSA MEDINA.—Joaquim Teixeira de Assumpção. QUILLIMANE.—Henrique Jorge de S. Neves.
 BENGUELLA.—Mathieu & Tavares.
 LOURENÇO MARQUES.—D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorena.
 R. THONE.—L. A. B. Alves Mendes

O Brasil Portugal.

Entra com o presente numero no seu 5.º anno de existencia esta

JULIO LIMA & C.ª



FABRICANTES DE CHAPEOS DE FELTRO

Fabrica

167, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 167

Deposito

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End. teleg. — JULIMA.

RIO DE JANEIRO

FABRICA FUNDADA EM 1890 — Ocupa a área de 12.000 quadrados

MACHINISINHOS MODERNOS E APERFEIÇOADOS

Os seus productos rivalisam vantajosamente com os importados do estrangeiro. Esta fabrica foi distinguida com o diploma na Exposição Artística e Industrial de 1900, primeira a que concorreu. — Absteve os principaes mercados do paiz.

The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.º

LISBOA

OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.ª

Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (as quartas feiras alternadas). Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commodidades. Preços modicos para S. Vicente, PERNAMBUCO, Bahia, Rio de Janeiro, Monteviden, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Pallice e Liverpool. Linha semanal entre Londres, Gibraltar, Malta e Cadiz, e linha mensal para Glasgow Carreiras para Bordeus e Leith, etc.

VINHOS

CHAMPAGNE

VILLAR D'ALLEN

VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

Rua 1.º de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

O MEDICO

Havia no brilho do seu olhar profundo a austeridade viril d'uma longa concentração séria. O porte era magro — um porte digno de carta de conselho e d'uma traddella de chapéu... A maneira correcta do seu dizer, a estatura epica dos seus pensamentos, o alisar do cabelo, a *nonchalance* do vestuário — uma profunda pouca importância ás mesquinhas da vida — davam-lhe o tom extremamente sério de um Carlinhos já homem, acostumado á austeridade das coisas publicas, onde se cruzam sobrecreanças e se vendem consciências.

Os brinquedos dos *bébé*s eram para elle a expressão chôcha d'um estylo almiscarado, tresandando a cueiro, e desculpavel apenas na primeira infancia da sciencia da educação. Achava preferivel á improductiva distracção das classes nascentes — como elle usava dizer — uma sólida educação de principios, todo um firme fundamento de coisas sãs, sem falsos.

— Ao olhar-lhe a cabeça, o bom do cura exclamava:

— Seria assim a cabeça de Santo Agostinho?...

E deixava-se ficar contemplativo ante aquellas suaves cabecinhas loiras, que se elevavam levemente sobre a gôrra bordada a ancorás escaletas.

A familia — desde o pae ao porteiro — tinha por o Carlinhos um digno respeito de timidez, ao considerá-lo á profunda do olhar intelligente e a maneira superior do seu porte austero e levantado.

Havia, n'aquelle cerebro de creança philosopho, a aspiração precoce de um grande ideal, um sonho augusto, que era quasi como que o desfecho glorioso de uma vida heroica de trabalhos, em luta com os preconceitos da educação do seu tempo.

Na suprema guerra levantada contra essa assustadora *avilante* de preconceitos, Carlinhos começava por ter um profundo odio á maneira geral de fazer adormecer as creanças á hora em que as galinhas recolhem.

E pensava:

— A noite — o periodo fadado para as concentrações sérias e dignas! O estudo, o trabalho... Lutarei contra meu pae, contra todos os preceptores, que pretendam sujeitar-me á triste condição de ir para a cama ao bater das trindades...

E um dia que algum notou que o Carlinhos trazia as pastanas queimadas, elle teve uma alegria verdadeira e tomou uma alviva prommente, dizendo:

— Queimei a na banca do estudo!

A irmãsita tinha um genio inteiramente diverso do de Carlinhos. O seu pensar delimitava-se exclusivamente ao mundo das bonecas — umas nostalgicas creanças sem tino, recolhidas no goteiro da commoda, onde comiam, onde dormiam, onde passeavam, onde mostravam as suas mais ricas *foliettes* de luxo. E junto das suas amigas, a pequena via passar Carlinhos n'um passo bem medido, pesado até, que tinha muita semelhança com o andar do papa quando vinha de sapatos de feltro.

E tudo era aconselhar-lhes que respeitassem o irmão, não se esquecessem nunca de lhe fazer os cumprimentos quando porventura o encontrassem lá fóra, na sala de meza ou na sala de costura.

E dizia-lhes batzinho, ao presentir o irmão:

— Ah! vem o sr. doutor!

E Carlinhos passava ulnosamente, parecendo não caber na sala — gravemente a dar-se ao respeito.

Um dia a Thereza adoeceu gravemente. Era uma vida de estacão, muito servical, que facil não seria encontrar outra que a substituísse no seu mister. Chamou-se o dr. Pedro — um medico muito pequenino, de intelligencia soffivel, que era velho medico da casa. Quando entrou, a Thereza mal dava accordo de si: uma profunda prostração, que condoia o coração dos amos.

O Carlinhos todo o dia estivera junto da infeliz doente, que era sua amiga verdadeira, uma d'entre a familia que mais respeito sabia ter publicamente para a intelligencia do pequenino amo. Em saude, não se cançou nunca de lhe atrair elogios a respeito de tudo. Agora, coitadita! alli estava tristemente com os pés quasi na sepultura, entregue apenas aos carinhos da sua familia e aos cuidados do dr. Pedro; e tudo isto era nada ante a gravidade da doença.

Carlinhos queria salvá-la. Que gloria não alcançaria salvando a Thereza!

Uma receita que o dr. Pedro deixou sobre a banhuinha, olhou-a com desprezo, porque tinha a convicção de que alli não estava coisa de getto.

— Agua de malvas ou papas de linhaça...

E teve ténção d'a rasgar.

O dr. Pedro sahira. O pequeno continuou a pensar na maneira efficaz de salvar a sua velha amiga. A rtoz lhe o pulso; tinha febre.

E pensou:

— Para saber-se o grau da febre: ha um instrumento...

E correu a casa do dr. Santos — um medico novo, chegado ha pouco da escola, e posto alli n'um dos partidos — municipalities como um caustico para o collega dr. Pedro, velho e desconhecido.

O novo medico não teve escrúpulo em emprestar um thermometro ao Carlinhos que teve o cuidado de o implorar em nome do pae.

Seguiu para casa. Fuzilava-lhe no olhar o brilho diamantino d'um rizo estranho. Havia alli não sei que de mysteriosa revelação, que talvez fosse a perspectiva d'um grande milagre.

Sim, era elle que ia diagnosticar a doença de Thereza, conhecer-lhe a febre por meio d'aquelle maravilhoso instrumento, e em seguida apresentar um relatório ate, para que a medicina com creanças e formaturas desse então a sua receita, fundamentada nas suas prévias laborações.

Entrou no quarto da doente. Lá estava ella, n'uma quasi efflorescência, talvez n'um ultimo suspiro, e passar d'esta para melhor.

Felizmente que o salvador alli estava; ainda vinha a tempo de arrancar das garras da morte aquella infeliz Thereza, tão velha e tão amiga.

E mettu-lhe o thermometro debaixo do braco. Preciamente n'esse momento, a Thereza falleceu, espesinhando o thermometro contra o peito.

O Carlinhos, espavorido, com horror d'aquelle

cadaver ainda quente, fugiu pelo quarto fóra, exclamando:

— Ora está só pelos demonios! E o dr. Santos?... Que desculpa lhe hei-de dar?

E cahiu de cama, com febre.

TRINDADE COELHO.

O LIVRO DE CHAVE

Durante a minha residencia em D... conheci muito um original chamado Eustaquio Lorient, um rapaz dos seus quarenta annos, fresco, rosado, loiro, um pouco repleto, de estatura mediana, com uma grande cabeça de fronte desenvolvida, de nariz aquilino, e de olhos de um azul de filanca. A sua profissão era a de juiz supplente no tribunal, mas, como essa profissão lhe deixava muitas horas vagas, e elle tinha bastante de tempo, entregára-se muito cedo á paixão do *bric-à-brac*. Collecionava um pouco de tudo: livros raros, medalhas, louça gallo-romana; era membro de uma sociedade de antiquarias a que dirigia entusiasticas e prolixas memorias ácerca de cada uma das suas descobertas.

Como muitos collocadores, era de uma ingenuidade e de uma credulidade pueris com relação ás suas antiquilhas; a proposito de um caco de louça ou de uma ferragem qualquer, suggeria-lhe a sua imaginação historias maravilhosas em que acabava por acreditar como em artigos de fé. Achára, por exemplo, n'um adelo una informe mascara de ferro forjado, com tres buracos na altura da boca e dos olhos, e estava perfeitamente convencido de que possuia a verdadeira mascara de ferro, a que servira para esconder as feições do mysterioso preso das ilhas de Santa Margarida e da Bastilha. Ia eu ficando mal com elle por lhe ter insinuado mansamente que, segundo as relações authenticas, a famosa mascara de ferro era de veludo negro, e que, demais, ainda que fosse de ferro, não era verosimil que no seculo XVII, n'uma epoca em que se trabalhava maravilhosamente, não se encontrasse para um preso importante alguma coisa menos grosseira e menos incomfortavel do que essa ferragem...

Apesar de casado, Eustaquio Lorient não tinha filhos.

A sua mulher era uma bonita morena de vinte e oito annos, muito bem feita, vivacissíma, com uns olhos que eram a perdição de quem a via, e um ligeiro buço no labio superior.

Elegante, gostando de se divertir, aborrecia-se muito na casa silenciosa do bairro das Grangettes onde seu marido accumulava as suas colleções, e onde não se recebiam outras visitas que não fossem as de alguns velhos antiquarios, e a de um joven advogado amigo de Lorient, e como elle amador de alfarrabos. Este advogado, celibatario, chamado Frederico Simonnet, não tinha mais dos seus trinta annos, e passava por ser a agulha do foro de D... Parece-me que elle o que era, era o gallo, porque não era nada mal parecido, era elegante, fallando bem, em dous palvras um bello rapaz. Vinha muitas vezes buscar livros á bibliotheca de Lorient, e na noite em que tive o gosto de o conhecer, trazia elle precisamente

Armazem de fazendas e futo feito, por atacado e a retalho

FORNecedores DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.^a

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44: Rua de S. Julião, 120, 162, 164 e 166 — LISBOA

Promptificam-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços.

so seu amigo um bello exemplar de *Daphnis e Chloé*, com uma encadernação de marroquim vermelho, com as graluras do Regente.

— Olhe! disse com orgulho Eustaquio Loriot, entendendo me o volume, aqui tem o amigo um alfarrabio proveniente da bibliotheca do sr. des Armoises, um fidalgo loreno que esteve preso no tempo do terror, que esteve condemnado á morte, e que a sua amante, uma lavadeira, conseguiu fazer evadir na vespera do dia marcado para a sua execução. Arranjei esse livro quasi da graça, no leilão de mobilia da propria filha da mulher que salvou des Armoises.

Peguei no volume, e quando o folheava, reparei n'uma particularidade singular:— aqui e além, de pagina em pagina, havia linhas inteiras onde estavam umas certas letras sublinhadas com pontos ou tiretes, misturando, uns traçados a letra vermelha, outros com uma tinta amarelada e como que envelhecida.

— Olhe! murmurei eu, e curioso. Tinha reparado n'esta particularidade do seu exemplar? perguntei eu a Loriot, mostrando-lhe as paginas marcadas.

Ao mesmo tempo levantei a cabeça e impressionou-me a expressão inquieta e perturbada do rosto do advogado. Voltei-me então para o lado de sr. Loriot, e fiquei muito espantado ao ver que a sua linda physionomia reflectia como um espelho a atrapalhada de Frederico Simonnet.

Loriot não tinha dado por coisa alguma; abalando para o volume e os seus olhos de myope, folheava as paginas, examinando-as.

— E' muito extraordinario, e o que é mais extraordinario ainda é que me tinha escapado até agora esta particularidade. E o Simonnet tinha reparado n'isso?

— Confesso que não! respondeu o advogado corando ligeiramente, não lhe liguei importancia. A jovem senhora é que não dizia nada, e inclinada para o fogão, revolia nervosamente as a:has de lenha.

— Não lhe ligou importancia! exclamou Loriot exaltando-se, pois eu entendo que temos aqui um egmina historico interessanteissimo, uma linguagem mysteriosa cuja chave hei de encontrar! Verão! verão!

E esfregava as mãos.

Dahi a uns oito dias encontrei Loriot, que com a sua costumada impetuosidade, deu-me o braço.

— Meu caro amigo, disse-me elle, estou na pista, e estou convencido que encontro a chave em poucos dias. Eu lhe digo o que já encontrei (e ao mesmo tempo tirava da algibeira o exemplar de *Daphnis e Chloé*). Em primeiro lugar, continuou elle, repare que o ponteador é sempre com tinta amarela, e os tiretes são sempre com tinta vermelha. Parece que respondem uns aos outros. Ora para mim é evidente que Des Armoises conservára este livro na sua prisão, onde recebia visitas da sua amante, que umas vezes levava e trazia o volume, e os dois amantes d'elle se serviam para se corresponderem por meio de uma escripta em cifra. Hein! não lhe parece que a minha explicação é deveras engenhosa? O que me falta ainda é a chave da cifra, mas com alguma paciencia, encontro-a.

— Da-me licença que eu leve o livro comigo? Restituo-lho dentro de dois dias, disse eu. Tenho estudado um pouco a linguagem da cifra, e talvez o possa ajudar.

Loriot consentiu e levei o livro para casa. Não precisei de largos estudos para descobrir que a cifra empregada pelos dois correspondentes era das mais simples.

Tinham utilizado os caracteres do texto, conservando-lhes o seu valor usual, e bastava pôr em seguimento umas ás outras as letras marcadas com pontos e com tiretes para restabelecer as phrases. A primeira que eu decifrei era esta: «Elle va amanhã ás duas horas para o tribunal. Venha que estaremos á vontade.» ao que respondi a letra vermelha:

«Está dito, querida. A's duas horas. Um milhão de beijos.»

Basta-me isso, e se a minha hypothese não concordava precisamente com a de Loriot, não deixava por isso de ser interessanteissima.

No dia seguinte peguei no livro e dirigi-me a casa do juiz, ás horas a que sabia que encontraria a sua mulher. Instamente estava ella sózinha ao pé do fogão onde ardia um vivissimo lume. Eustaquio Loriot trabalhava na sua bibliotheca.

— Descobri, disse eu em voz baixa a sr. Loriot, a famosa chave da correspondencia em cifra.

A sr. Loriot nem pestanejou.

— Ah! disse-me ella deitando-me um olhar sagalado, vamos então a ver o tal livro.

Estendi-lh'o, e ella immediatamente, com um gesto brusco, atirou com o volume para o brazero.

— Calada! acrescentou ella com um gesto impetuoso. O senhor é um cavalheiro. Fique tudo entre nós.

Emquanto eu estupefacto via arder *Daphnis e Chloé*, ella ateiava o lume com as tenazes. Quando o desgraçado livro ficou reduzido a uma massa incandescente, ella soltou um grito.

— Ah! Deus meu! que desgraça! e o que dirá Eustaquio? Depressa, depressa, senhor, deite-lhe agua!

Ouvindo esta exclamação, Loriot appareceu logo.

Que succedeu?

— Uma desgraça, meu amigo. Este senhor, sem reparar, tinha posto *Daphnis e Chloé* n'um dos braços da minha cadeira. Eu naturalmente sem querer fiz um movimento desastrado, o volume caiu no fogão, e como nós estavamos a conversar de costas voltadas para o lume, só demos por isso já tarde.

Eustaquio, assombrado, aparrára-se ás tenazes, e tirando o livro inflamado, fôra deital-o dentro de um pote cheio de agua.

Nada conseguí. Quando foi tirado do banho, *Daphnis e Chloé* era apenas um pedaço de lama calcinada.

— Que desastre! dizia Loriot lamentando-se. Não é tanto do livro raro que eu tenho pena, são os materias documentarios que o lume devorou. Repito que estava alli um enigma do mais alto interesse, e justamente acabava de lhe achar a chave.

ANDRÉ THEURITTE,

Ao telephone.

— Soares, peço-te o favor de vires cá jantar no domingo com tua mulher.

Na casa para onde se faz o convite não estão os paes, está só a creada que responde:

— Os senhores não estão cá, mas no domingo não podem ir porque é o dia em que eu saio.



EMPRESA INSOLANA DE NAVEGAÇÃO

Para **S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), J. Jorge (Calheta), Lagos do Pico, Fayal e Flores.**

Sae o vapor **Açôr**, comandante Carlos Pereira Vidinha, no dia 5 de Fevereiro, ás 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes — Caes do Sodré, 84, 2.º

Germano Serrão Arnau

PLACAS PHOTOGRAPHICAS

PAPÉIS JOUGLA
os melhores

PARIS-45, Rue Rivoli, 45 - PARIS

MARQUES, SUCCESSORES
OURIVES-JOALHEIROS

123 - Rua de Santa Catharina - 131

Objectos d'arte e em esmalte

PORTO

Preços fixos e garantidos

O mais vasto, completo e variado sortido em objectos com pedras finas, d'ouro, prata, bengalias, cartiras, etc. — Sempre as novidades escolhidas pessoalmente em Paris, Alieamante e Vienna



HOTEL DOS ESTRANGEIROS

PRACA JOSÉ DE ALENCAR

O primeiro do
Rio de Janeiro.

CARPINTARIA, MARCENARIA E SERRARIA
A VAPOR

DE
José Maria Pereira Junior

COMPLETO SORTIMENTO

DE
Madeiras e Materiaes

Para construcções civis

Construcção e reconstrucção de predios

RUA LAVRADIO, 33
RIO DE JANEIRO

Companhia Trasatlantica de Barcelona



LINHA DE FILIPINAS

Sahidas de Lisboa de 4 em 4 semanas, com serviço de mercadorias e passageiros para Port-Said, Adem, Colombo, Batavia, Bombaim, Bussure, Calcuttá, Kiogo, Hong-Kong, Kurrachea, Manilla, Saigou, Shanghai, Sidney, Singapore, Suez, Iokohama e outros portos de Asia e Oceania. — Passageiros para Macau.

Serviço de mercadorias e passageiros de Liverpool 1 para Lisboa. Passageiros para Cadiz, Cartagena, Valencia e Barcelona, e com transbordo em Cadiz para Tanger, Gibraltar, as Antilhas (Cuba e Porto-Rico), Veracruz, New-York, Montevideo e Buenos Ayres.

Para carga e passagens trata-se com

Os agentes,

Henry Burnay & C.^a

LISBOA—Rua dos Fanqueiros, 10. 1.^o

**BANCO
Nacional Ultramarino**

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Séde em Lisboa

Rua Nova d'El-Rei, 73

Succursaes em Moçambique e Loanda. Agencia em S. Vicente e S. Thiago de Cabo Verde, Benguela, Mossamedes, S. Thomé, Lourenço Marquês e nas principaes terras do norte.

Artigos de menage
JOÃO CARDOZO
63, Rua do Carmo, 64

Armazem de Novidades

TALHERES

Cafeteiras, manteigueiras, galho-teiros, etc.

Crytaes de mesa

Copos, garrafas, jarros em serviços completos e avulsos.

LOUÇAS

Serviços de jantar

Serviços de almoço

Padrões e moldes absolutamente modernos de porcellana e faiança inglesa.

Artigos de 1.^o ordem

FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANQUEIROS

R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 120
— LISBOA —

SOCIOS:

Cedros Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silveira Vianna e Joaquim Pinto da Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estrangeiros, accões de bancos e companhias. Tomam e saccam letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem generos e fundos publicos a consignação. Recebem depositos em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo. Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão.

Bilhares de precisão

COM A

Celebre tabella americana

MONARCH

PANNOS, TACOS, BOLAS
e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade

Cartas, Tentos e Fizas

Para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Senaa

26 — Rua Nova do Almada — 30
(Cassa fundada em 1834)

LISBOA *Pipem e Gallego Illustrado*

MALA REAL INGLEZA

ROYAL MAIL

STEAM PACKET COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

BRASIL E RIO DA PRATA

Pelos magnificos vapores
d'esta antiga Companhia

Prezam-se todas as informações
na rua d'El-Rei, 31.

OS AGENTES,

JAMES RAWES & C.^a



LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ESTABELECIMENTO DE FABRICA DE BARRAS DE LISBOA

ALPAVATERIA "CONFIANÇA"

R. dos Fanqueiros, 101, 1.^o

JAYME PIRES & COM.^{ta}

Fazendas nacionaes e estrangeiras.
Confecções para homens, senho-
ras e crianças. Fardamentos mi-
litares e todos os uniformes.

Preços reasmiados

Fatos completos pretos, azues e em
côres, de

20000 a 200000

Ditos de fazendas estrangeiras, de

15000 a 200000

Escolhimos sortimento em sobretudos,

Double-capas e varinos d'avelro.

Capas á hespanhola, fabril e espe-
cial da nossa casa, de

15000 a 25000

Empresa Nacional de Navegação

Carreira quinzenal
para a Costa d'Africa Occidental

Sahidas a 6 e 21 de cada mez, tocando nas
seguintes portos:

Madeira, S. Vicente, S. Thiago,
Principe, S. Thomé, Cabinda, S.
Antonio do Zaire, Ambrizette, Am-
briz, Luanda, Novo Redondo, Ben-
guella, Mossamedes, Porto Alexan-
dre e Bahía dos Tigres.

N. B. — Os paquetes que sahem a
6 fazem escala por Santo Antonio
do Zaire Ambrizette, Bahía dos Ti-
gres e Porto Alexandre, e os do dia
21 por Madeira, S. Vicente e Prin-
cipe.

Rua da Prata, 6. 1.º

GUILHERME SILVA

Camisa, ceroulas,
gravatas, collarinhos
e panhos



Roupas bordadas
e camizetas
Enxovaes em todos os
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA

Compagnie des Messageries Maritimes
Paquebots poste français
Linha Transatlantica



Para Dakar, Pernambuco, Bahía,
Rio de Janeiro, Santos, Montevidéo
e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.ª classe po-
dem dirigir-se a OREY ANTUNES
& C.ª = 4, Praça dos Remo-
lares.

Para informações trata-se na Agencia da
Companhia = 32, Rua Aurea.

Os agentes, SOCIEDADE TORLADES

Estamparia do Bolhão
Casa fundada em 1850
Rua Fernandes Thomaz, 328
PORTO

Grandes Armazens

Fazendas de seda
lã e algodão
NACIONAES
ESTRANGEIRAS
Tapetes, alfalfas, julas
OLEADOS
PERFUMARIAS
MIUDEZAS
etc.

Dr. Oscar Leal. — Especiali-
sta em doenças da bocca, collocação
de dentes e correção das deformidades
maças. Consultorio de 1.ª ordem à
RUA DO CARMO, 35, 1.º
(CHILADO)

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de modista e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadinhas de Santa Justa

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO GOUVO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

Manoel de Azevedo e Mello

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

AGENTE E DEPOSITARIO das

AGUAS

DE

LAMBARY E CAMBUQUIRA

Rua da Alfandega, 62.

RIO DE JANEIRO.

Os bons fiambres, as boas mortadellas,
Tudo o que mata o mais feroz jejum,
Os bons vinhos de Rheno, ou de Bucellas,
Whisky, Kyrseh, Cognac, Old-Tom, Rhum.

Salchichas, trufas, *petit-pois*, sardellas,
Lagostas e salmão, ostras e atum,
Isto tudo se encontra a fartadellas
A' rua Ourives, no sessenta e um.

De-de o melhor Bourgogne ao paraty,
Tudo que em vida de melhor consomes,
Encontras sempre com certeza ali.

Não é filial de casa alguma, ouvi!
E' simplesmente o bom Avilla Gomes
Ex-gerente da antiga Casa Henry.

Rio de Janeiro.

Endereço telegraphico LION
S. PAULO **LION & C.^a** CAIXA DO CORREIO
 N.º 44
S. PAULO, SANTOS E HAMBURGO
 BRASIL E ALLEMANHA
ESCRITORIO: R. do Commercio, 3

CIMENTO PORTLAND

QUALIDADE

SUPERIOR



RESISTENCIA

GARANTIDA

Usado com optimos resultados por empresas particulares e Obras Publicas da Europa, dos Estados Unidos da America do Norte e do Brasil. Approvado pela Repartição de Aguas e Esgotos de S Paulo-Brasil.

IMPORTADORES e DEPOSITARIOS

LION & C.^a
S. PAULO E SANTOS
Brasil.

A ECONOMICA

Autorizada por decreto do Governo Federal
 n.º 449, de 13 de Maio de 1909

CAPITAL INICIAL: 200.000.000 REIS

DIRECTORIA:
 Presidente VALENTIM MACALHAES
 Secretario D. DE CARVALHO AZEVEDO

TITULOS DE ACCUMULAÇÃO DE 500.000 REIS
 SORTeios MENSUAES

SÉDE SOCIAL
35, Rua Nova do Ouvidor, 35
 Caixa Postal Telephone End. Teleg.
 1.043 790 668

RIO DE JANEIRO
 Agencias nos Estados

Alberto, Martins & C.^a

IMPORTAÇÃO

E

EXPORTAÇÃO

Caixa de Correio — 708.

Códigos — BRASIL e RIBEIRO.

Rua da Alfandega, 110**RIO DE JANEIRO**

COMPANHIA

DE

SEGUROS MARITIMOS

ULTRAMARINARUA D'EL-REI, 82, 1.^o
LISBOA

Esta Companhia effectua seguros exclusivamente maritimos a premios reduzidos.

Almanach Illustrado

DO

Brasil-Portugal**Para 1903**

200 GRAVURAS

PAPEL DE LUXO

Está á venda em todas as livrarias de costume.

Eu era assim



Cheguei a ficar quasi assim



Soffria horrivelmente dos pulmões; mas graças ao XAROPÉ PEITORAL DE ALCATRAO E JATANY, preparado pelo pharmaceutico Honorio do Prado, o mais poderoso remedio contra tosses, bronchites, asthma, rouquidão e coqueluche.

Consegui ficar assim



Completamente curado e bonito

Honorio do Prado

115, RUA DO LAVRADIO, 115

DEPOSITO: — Drogaria PACHECO & C.^a — ANDARAES, 11**VIDRO 2\$000 REIS****MARCA REGISTRADA Rio de Janeiro.**

FABRICA
DE
TECIDOS e FIAÇÃO

SANTA MARIA SOROCABA

PROPRIETARIOS:

ERNESTO ZSCHÖCKEL & C.^a

Escritorio Central:

S. PAULO — Rua S. Bento, 45
CAIXA POSTAL 96.

Endereço telegraphico: DUODECIMO.

ESPECIALIDADE da fabricação
BRINS e RISCADOS

Aux Dames Élégantes

GRANDES ATÉLIERS
DE
COSTURA E CHAPEUS



Especialidade em toilettes para baile, theatro e passeio
Enxovae para casamentos
Sempre grandioso sortimento em capas, paletots e outrosabafos
de novidade

FIGUEIREDO & SILVA

1, RUA DO THEATRO, 1

RIO DE JANEIRO

Adresse telegraphico AZOUGUE
Codizo — Ribeiro

Caixa do Correto N.º 36
Telephone — 38g

MERCURIO

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

Auctorizada a funcionar por carta patente n.º 2



Capital Réis 2.000:000\$000

Deposito no Thesouro Federal Réis 200:000\$000

Incorporada pela ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO
DO
RIO DE JANEIRO

CASA DOUX

BÉNAC, TEIXEIRA & C.^a
(Successores de A. DOUX, e de DOUX & PÉLIER A)

ARMADORES E ESTOFADORES

O maior sortimento de moveis e tapeçarias

Incumbem-se de instalações de aposentos

RUA DO OUVIDOR, 60

Ender. leleg. — BÉNAC

Telephone n.º 729

RIO DE JANEIRO

ARTHUR DE CARVALHO & C.^a

Casa especial

DE OLEOS

IMPORTADORES DE KEROZENE

Rua do Rosario, 38

RIO DE JANEIRO